



CONJUNTURA ECONÔMICA BAIANA



2025.2



RECONHECIMENTO

NÚCLEO DE ESTUDOS CONJUNTURAIS | ECONOMIA BAIANA

Participantes

Abhel Abreu dos Santos
Alanna Souza dos Santos Silva
Bruno Moura Rocha Couto
Douglas Quirino de Oliveira Mota
Eduardo Maynard
Henrique Moura Ferreira
Luíza Souza Brandão
Pietro Costa Moreira
Rafael Carvalho Caires de Lima

Orientadora

Kaiza Correia

Elaboração Textual

Abhel Abreu dos Santos
Alanna Souza dos Santos Silva
Bruno Moura Rocha Couto
Douglas Quirino de Oliveira Mota
Eduardo Maynard
Henrique Moura Ferreira
Luíza Souza Brandão
Pietro Costa Moreira
Rafael Carvalho Caires de Lima

Fiscal

Alanna Souza dos Santos Silva
Eduardo Maynard

Commodities Agrícolas

Pietro Costa Moreira
Henrique Moura Ferreira

Indústria

Luíza Souza Brandão

Comércio Exterior

Douglas Quirino de Oliveira Mota
Bruno Moura Rocha Couto

Trabalho e Rendimento

Abhel dos Santos
Rafael Carvalho Caires Lima

SUMÁRIO

1- Apresentação

2- Política Fiscal

3- Commodities

4- Indústria

5- Comércio Exterior

**6- Trabalho e
Rendimento**

**7- Considerações
Finais**



1

Apresentação

1

Apresentação| Luiza Souza Brandão

A Pasta de Economia Baiana do Núcleo de Estudos Conjunturais (NEC) da Faculdade de Economia da UFBA tem como propósito central analisar e divulgar os principais aspectos da dinâmica econômica do estado da Bahia. Por meio de uma abordagem voltada para a economia regional, o grupo desenvolve pesquisas sistemáticas nas áreas de política fiscal, commodities, indústria, comércio exterior, trabalho e rendimento, objetivando compreender as especificidades e os desafios particulares da economia baiana.

Através do monitoramento de indicadores, da análise crítica de conjuntura e do levantamento de dados regionais, a pasta contribui para o debate sobre o desenvolvimento econômico da Bahia. Nosso foco é evidenciar como os fenômenos macroeconômicos se manifestam no território baiano e quais são seus impactos sobre o cotidiano da população, a estrutura produtiva e as perspectivas de crescimento sustentável no estado. Sob essa ótica, escolher por um olhar regionalizado não é apenas metodológica: é também política e estratégica. A Bahia, apesar de sua relevância econômica, histórica e social, ainda é frequentemente negligenciada no cenário da pesquisa econômica nacional, que tende a se concentrar no eixo Sul-Sudeste. Pensar a economia regional baiana é, portanto, uma forma de enfrentar esse desequilíbrio, valorizando a produção de conhecimento comprometida com a realidade local e com o fortalecimento das capacidades internas de análise e formulação de políticas públicas.

A partir dessa abordagem, o NEC reafirma o seu compromisso com a Universidade Federal e com a construção de uma economia mais equitativa, diversa e territorialmente equilibrada e, para nós, estudantes e pesquisadores baianos que integram esta pasta, pensar a economia do nosso estado é também um ato de identificação e responsabilidade. Nossa investigação é pautada em uma análise concreta, buscando entender as contradições, potencialidades e caminhos possíveis, a partir de nossa inserção no território e, sobretudo, de uma perspectiva científica. Acreditamos que produzir conhecimento sobre a Bahia, a partir da Bahia, é uma forma de afirmar que o nosso estado merece estar no centro do debate econômico — com voz, com análise qualificada e com horizonte crítico.

2

Política Fiscal

2

Fiscal | Eduardo Maynart e Alanna Souza

PIB:

O Produto Interno Bruto (PIB)

da Bahia apresentou crescimento de 2,1% no segundo trimestre de 2025 em relação ao mesmo período de 2024, indicando que a economia estadual mantém trajetória positiva, ainda que em ritmo moderado. Esse desempenho demonstra a capacidade de recuperação da atividade econômica baiana após os desafios macroeconômicos dos últimos anos, refletindo a combinação de uma base produtiva diversificada e políticas de incentivo regional.

Na comparação com o trimestre

imediatamente anterior, o avanço foi de apenas 0,3% na série com ajuste sazonal, o que sinaliza desaceleração na margem. Esse resultado sugere que o impulso observado no início do ano, especialmente proveniente do setor agropecuário e da indústria de transformação — perdeu força ao longo do segundo trimestre. Fatores como o tarifaço proveniente dos Estados Unidos influenciaram a desaceleração.

Considerando o acumulado do

primeiro semestre de 2025, a economia baiana cresceu 2,7%, resultado consistente e superior à média nacional estimada para o mesmo período. Esse desempenho foi impulsionado principalmente pelos setores de serviços e indústria, com destaque para o turismo, comércio e atividades industriais ligadas ao refino, à petroquímica e à produção de alimentos. O setor agropecuário, embora relevante, apresentou comportamento mais estável após o pico de safra do primeiro trimestre.

No acumulado de 12 meses, o

PIB da Bahia registra alta de 2,8%, confirmando um cenário de crescimento sustentado e estabilidade econômica. Mesmo diante de um contexto nacional de incerteza fiscal e política, o estado conseguiu preservar um ambiente de expansão, apoiado em investimentos públicos regionais e em iniciativas de diversificação produtiva.

Em síntese, os dados revelam

uma economia baiana resiliente e com fundamentos sólidos, embora sujeita à desaceleração marginal no curto prazo. Caso o ritmo atual seja mantido, o PIB estadual tende a encerrar o ano de 2025 com crescimento entre 2,5% e 3%, consolidando a Bahia como um dos estados com melhor desempenho econômico do Nordeste.

PIB trimestral Bahia 2025 ⁽¹⁾	
Períodos	Taxas (%)
2º trim. 2025/2º trim. 2024	+2,1
2º trim. 2025/1º trim. 2025 (sazonal)	+0,3
1º semestre de 2025 (janeiro a junho)	+2,7
Acumulado 12 meses	+2,8
Fonte: SEI. Elaboração: SEI/DISTAT/Coref. Nota: (1) Dados sujeitos a retificação	

Receitas:

Entre 2014 e 2024, as receitas do Estado da Bahia apresentaram crescimento expressivo, passando de R\$ 37,9 bilhões para R\$ 74,7 bilhões, quase 97% de aumento no período. Esse avanço reflete tanto a expansão da base econômica quanto melhorias na eficiência arrecadatória, principalmente nas receitas de impostos e taxas. O desempenho fiscal manteve-se sólido, com o Estado arrecadando em média 97% do valor atualizado a cada ano, o que demonstra disciplina na execução orçamentária e estabilidade nas finanças públicas.

O destaque vai para 2021 e 2022, quando a Bahia registrou arrecadações recordes — em 2021, R\$ 60,7 bilhões, superando em 6% o valor previsto, impulsionado pela recuperação econômica pós-pandemia e pelo aumento da inflação, que elevou a base do ICMS. Em 2022, a arrecadação atingiu R\$ 71,7 bilhões, praticamente igual à meta orçamentária, consolidando a estabilidade fiscal. Já em 2023 e 2024, houve leve desaceleração, mas com manutenção de um desempenho satisfatório: a taxa de realização voltou a subir para 98,3% em 2024, sinalizando boa gestão e controle das receitas.

Para 2025, os dados parciais apontam R\$ 59,2 bilhões arrecadados, cerca de 75% do total atualizado, valor que ainda deve crescer no segundo semestre, devido à sazonalidade típica da arrecadação. Embora o percentual pareça baixo, ele não indica fragilidade fiscal, mas sim a defasagem natural entre previsão e realização ao longo do exercício. No conjunto, os números confirmam que a Bahia mantém uma política fiscal consistente, com foco em estabilidade, eficiência e fortalecimento das receitas próprias, reduzindo gradualmente a dependência das transferências federais.

	Receitas Previstas	Receitas Atualizadas	Receitas Arrecadadas	% Arrecadada / Atualizada
2014	R\$36.083.945.669	R\$39.195.473.401	R\$37.937.830.901	96,79%
2015	R\$39.091.321.000	R\$41.581.582.315	R\$39.213.169.661	94,30%
2016	R\$41.892.642.557	R\$41.892.642.557	R\$42.045.806.771	100,37%
2017	R\$43.772.584.631	R\$47.423.997.421	R\$45.225.610.961	95,36%
2018	R\$44.581.718.341	R\$47.456.572.451	R\$45.877.354.681	96,67%
2019	R\$46.484.892.780	R\$50.624.921.001	R\$48.898.651.311	96,59%
2020	R\$48.341.875.630	R\$53.606.494.521	R\$51.180.539.291	95,47%
2021	R\$48.401.650.000	R\$57.225.858.681	R\$60.695.347.481	106,06%
2022	R\$52.835.335.471	R\$71.704.400.781	R\$71.667.009.731	99,95%
2023	R\$63.118.623.600	R\$77.755.166.931	R\$75.265.718.121	96,80%
2024	R\$61.681.634.290	R\$76.014.469.981	R\$74.696.294.061	98,27%
2025	R\$69.328.747.071	R\$78.862.916.391	R\$59.179.423.971	75,04%

A análise das receitas correntes do Estado da Bahia evidencia uma dinâmica fiscal marcada por variações tanto em nível absoluto quanto na composição das fontes arrecadatórias entre os primeiros semestres de 2024 e 2025. Observa-se que, no primeiro semestre de 2024, o volume total de receitas correntes apresentou um desempenho sólido, sustentado majoritariamente pela arrecadação de impostos, taxas e contribuições, que representaram a principal fonte de ingresso para o Tesouro estadual. Esse resultado reflete um contexto econômico ainda beneficiado pela recuperação pós-pandemia e pela manutenção de um nível razoável de atividade econômica interna, especialmente no comércio e nos serviços, bases tributárias fundamentais para o ICMS.

No primeiro semestre de 2025, as receitas correntes líquidas cresceram 0,8% em relação ao mesmo período de 2024, indicando estabilidade com leve avanço real. A principal contribuição para esse aumento veio da arrecadação de impostos, que teve alta de 10,3%, impulsionada pelo bom desempenho do consumo e pela retomada gradual das atividades produtivas. As contribuições avançaram 12,3%, enquanto as receitas patrimoniais tiveram um expressivo crescimento de 34,7%, refletindo melhor aproveitamento de ativos e rendimentos do Estado. Também se destacaram os aumentos nas receitas da agropecuária (+13,2%), de serviços (+22%) e de outras receitas correntes (+68,3%), sinalizando diversificação e maior eficiência na captação de recursos. Por outro lado, as transferências correntes apresentaram queda de 11,9%, o que atenua parcialmente o ganho global, mas sem comprometer a trajetória positiva do período.

Esse conjunto de resultados evidencia um semestre de fortalecimento fiscal, marcado por maior protagonismo das receitas próprias e menor dependência dos repasses da União. Em termos estruturais, o desempenho sugere avanços na gestão tributária e no controle das fontes internas de arrecadação, mantendo a Bahia em trajetória de equilíbrio e com maior autonomia financeira. O início de 2025, portanto, confirma uma política fiscal consistente, sustentada em recuperação econômica moderada, eficiência arrecadatória e diversificação das bases de receita.

CLASSIFICAÇÃO DAS RECEITAS CORRENTES			
RECEITAS CORRENTES	1º SEMESTRE 2024	1º SEMESTRE 2025	%
Impostos	R\$22.976.525.488,72	R\$25.344.202.882,29	10,30%
Contribuições	R\$1.911.830.055,48	R\$2.147.332.832,67	12,30%
Patrimonial	R\$808.598.351,72	R\$1.088.864.417,77	34,70%
Agropecuária	R\$56.646,24	R\$64.144,80	13,20%
Serviços	R\$96.149.251,69	R\$117.314.735,73	22,00%
Transferências Correntes	R\$17.706.707.652,57	R\$15.601.821.349,48	-11,90%
Outras Receitas Correntes	R\$973.608.356,85	R\$1.638.279.118,20	68,30%
Receitas Correntes	R\$44.473.475.803,27	R\$45.937.879.480,94	3,30%
Deduções	-R\$11.508.250.340,15	-R\$12.722.947.854,34	10,60%
RECEITA CORRENTE LÍQUIDA	R\$32.965.225.463,12	R\$33.214.931.626,60	0,80%

Despesas:

A análise das despesas do Estado da Bahia no primeiro semestre de 2025 revela uma estrutura orçamentária concentrada em áreas essenciais, com destaque para Educação, Saúde e Previdência Social, que juntas representam 51,46% do total das despesas do período. Essa composição demonstra o comprometimento do Estado com políticas públicas estruturantes e com a manutenção dos serviços básicos à população, ainda que pressione o espaço fiscal disponível para investimentos e áreas de menor peso orçamentário.

A Educação foi o maior componente do gasto, somando R\$ 7,56 bilhões (18,75% do total). Esse valor reflete o esforço em manter a folha de pagamento do magistério, o custeio da rede pública e a execução de programas educacionais. Logo em seguida aparece a Saúde, com R\$ 6,75 bilhões (16,75%), demonstrando a continuidade de uma política de alto gasto no setor, necessária tanto para atender à demanda hospitalar e ambulatorial quanto para sustentar os programas de regionalização e investimentos na rede pública. A Previdência Social, com R\$ 6,43 bilhões (15,96%), permanece como um dos principais desafios fiscais do Estado, consumindo parcela significativa do orçamento e evidenciando o peso crescente das despesas obrigatórias.

Além dessas três áreas, outros grupos de despesa merecem destaque. A Segurança Pública representa 9,04% dos gastos (R\$ 3,64 bilhões), refletindo o compromisso do Estado em fortalecer o policiamento e a infraestrutura de segurança. Os Encargos Especiais, com 9,51% (R\$ 3,83 bilhões), abrangem pagamentos de dívidas, encargos financeiros e transferências obrigatórias, reforçando o peso das obrigações legais. As demais funções orçamentárias, como Administração Pública (2,51%), Poder Judiciário (4,70%), Transportes (2,39%) e Urbanismo (3,79%), mantêm participação estável e compatível com o padrão histórico. Em contrapartida, áreas como Cultura, Agricultura, Indústria e Ciência e Tecnologia apresentam baixo percentual de participação, o que indica limitação de recursos para políticas de fomento e inovação.

Em síntese, o perfil das despesas estaduais no primeiro semestre de 2025 revela uma forte concentração em gastos obrigatórios e sociais, o que garante a continuidade dos serviços essenciais, mas restringe a flexibilidade orçamentária do Estado. A predominância de despesas com pessoal, previdência e encargos reduz o espaço para investimentos e políticas de desenvolvimento econômico, reforçando a importância de medidas voltadas à sustentabilidade fiscal de longo prazo e à busca por maior eficiência na alocação dos recursos públicos.

Balanço orçamentário:

A análise comparativa entre o primeiro semestre de 2024 e o mesmo período de 2025 revela uma evolução positiva nas finanças estaduais da Bahia, tanto pelo aumento da arrecadação quanto pela expansão das despesas, ainda dentro de um quadro de equilíbrio fiscal.

As receitas arrecadadas cresceram de R\$ 44,47 bilhões em 2024 para R\$ 45,94 bilhões em 2025, o que representa um aumento nominal de aproximadamente 3,3%. Esse crescimento reforça a tendência de consolidação observada nos últimos exercícios, sustentada pelo bom desempenho das receitas próprias (principalmente dos impostos) e por maior eficiência na execução orçamentária. Esse avanço indica que o Estado conseguiu manter sua capacidade de geração de recursos mesmo em um contexto econômico nacional de desaceleração moderada, o que demonstra resiliência fiscal e solidez administrativa.

No mesmo intervalo, as despesas pagas passaram de R\$ 34,55 bilhões para R\$ 40,34 bilhões, um aumento de cerca de 16,8%, ritmo superior ao crescimento das receitas. Esse movimento reflete a ampliação dos gastos com áreas sociais e essenciais, como educação, saúde e previdência, que juntos representam mais da metade do orçamento estadual. Embora o aumento das despesas reduza a folga orçamentária, o Estado manteve superávit primário no semestre, com as receitas superando as despesas em aproximadamente R\$ 5,6 bilhões. Esse resultado sinaliza que, apesar da pressão crescente sobre os gastos obrigatórios, a Bahia segue em trajetória fiscal equilibrada, preservando a sustentabilidade das contas públicas e a capacidade de investimento no médio prazo.

Commodities Agrícolas

Commodities | Pietro Costa e Henrique Moura

A Bahia, um dos principais polos agrícolas do país, possui uma diversidade de culturas, ao redor do seu território, que participam de maneira relevante na economia brasileira. A conjuntura agrícola da Bahia, até setembro de 2025, demonstrou um cenário positivo para a produção de insumos do setor, registrando um aumento físico de 12% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Apesar desse crescimento, determinadas culturas baianas tiveram uma produtividade abaixo das expectativas iniciais dos produtores. Variações climáticas, instabilidades políticas internacionais, irregularidade nos preços das commodities e oneração do custeio das lavouras, foram alguns dos fenômenos que percorreram a trajetória do mercado agrícola baiano até o momento. A análise técnica deste relatório, apresenta os principais produtos agrícolas do estado, contemplando as quatro principais variáveis: produção física, área plantada, área colhida e rendimento médio. O principal objetivo da análise é compreender os fatores que influenciaram as variações observadas em cada variável, analisando fatores como, clima, variações sazonais, conjuntura internacional e as especificidades de cada lavoura.

Quadro 1 - Produção Física, Área plantada, Área colhida e o Rendimento médio das principais commodities agrícolas da Bahia - Setembro de 2025

Produção física, Área plantada, Área colhida e o Rendimento dos principais produtos da Bahia

Produto das Lavouras	Produção (t)			Área plantada (ha)			Área colhida (ha)			Rendimento médio (Kg/ha)		
	setembro 2024	setembro 2025	Variação (%)	setembro 2024	setembro 2025	Variação (%)	setembro 2024	setembro 2025	Variação (%)	setembro 2024	setembro 2025	Variação (%)
Cereais, leguminosas e oleaginosas	11319015	12785877	12,96%	3537951	3649951	3,17%	3537951	3649951	3,17%	3,20	3,50	9,49%
Algodão herbáceo	1768800	1794000	1,42%	380000	400000	5,26%	380000	400000	5,26%	4655	4485	-3,65%
Feijão (1ª Safra)	137100	86400	-36,98%	200000	180000	-10,00%	200000	180000	-10,00%	686	480	-30,03%
Feijão (2ª Safra)	89200	90900	1,91%	180000	180000	0,00%	180000	180000	0,00%	496	505	1,81%
Mamona	29700	31280	5,32%	50000	51000	2,00%	50000	51000	2,00%	594	613	3,20%
Milho (1ª Safra)	1551090	1932000	24,56%	300500	280000	-6,82%	300500	280000	-6,82%	5162	6900	33,67%
Milho (2ª Safra)	700000	762600	8,94%	290000	310000	6,90%	290000	310000	6,90%	2414	2460	1,91%
Soja	7532100	8606190	14,26%	2032000	2143500	5,49%	2032000	2143500	5,49%	3707	4015	8,31%
Sorgo	161490	142980	-11,46%	95150	95150	0,00%	95150	95150	0,00%	1697	1503	-11,43%
Banana	920342	905728	-1,59%	69000	69000	0,00%	64500	64500	0,00%	14269	14042	-1,59%
Cacau	123303	119063	-3,44%	445050	449100	0,91%	445050	449100	0,91%	277	265	-4,33%
Café total	248940	261600	5,09%	130000	128000	-1,54%	130000	128000	-1,54%	1,91	2,04	6,73%
Café arábica	104040	88800	-14,65%	81000	80000	-1,23%	81000	80000	-1,23%	1284	1110	-13,55%
Café canephora	144900	172800	19,25%	49000	48000	-2,04%	49000	48000	-2,04%	2957	3600	21,75%
Cana-de-açúcar	5542000	6241000	12,61%	79000	79000	0,00%	79000	79000	0,00%	70152	79000	12,61%
Laranja	627954	631821	0,62%	57500	57500	0,00%	50000	50000	0,00%	12559	12636	0,61%
Mandioca	925287	906648	-2,01%	123000	123000	0,00%	109000	109000	0,00%	8489	8318	-2,01%
Uva	62032	102000	64,43%	2069	3400	64,33%	1869	3400	81,92%	33190	30000	-9,61%

O Quadro 1 demonstra de maneira detalhada as principais variáveis para a compreensão da conjuntura agrícola da Bahia, comparando o mês de setembro de 2025 com o mesmo período do ano anterior. É possível analisar os valores de Produção Física (quantidade total colhida do insumo, medido em tonelada), a Área Plantada (extensão de terra destinada a um determinado insumo, medido em hectare), Área Colhida (extensão de terra colhida, medida em hectare) e o Rendimento Médio (produtividade por hectare, Kg/ha) de cada cultura, juntamente com as suas variações percentuais.

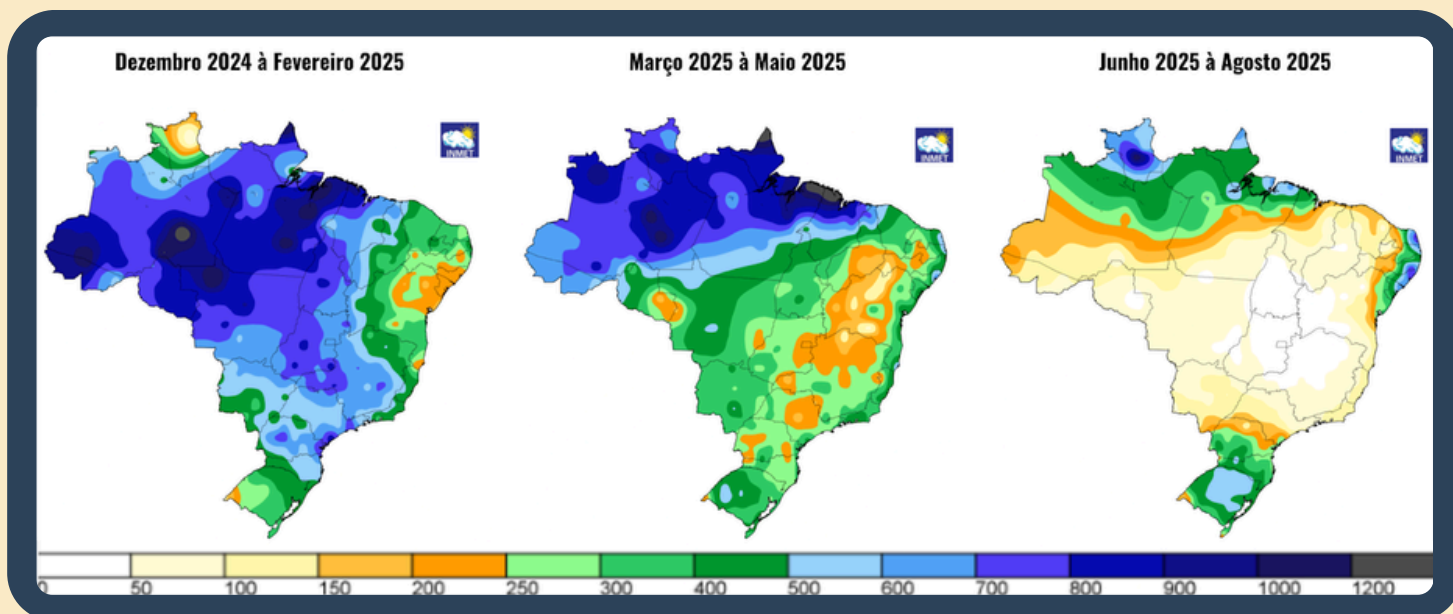
As informações são disponibilizadas pelo IBGE a partir do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), com o objetivo de acompanhar a conjuntura agrícola do Brasil desde a intenção de plantio à fase de colheita. Os dados são estimativas das expectativas de produção das culturas agrícolas durante um ano civil, atualizadas a cada mês, de modo a assegurar a máxima fidelidade das mensurações.

Condições Climáticas

As condições climáticas desempenharam um papel crucial na produção agrícola da Bahia em 2025. Conforme a Figura 1 ilustra, a distribuição irregular de água nas principais mesorregiões do estado impactou diretamente a umidade do solo e, consequentemente, a capacidade produtiva das culturas agrícolas baianas.

No início do ano, como característica dos períodos de alta temperatura no verão, a maior parte dos municípios baianos registraram altos índices pluviométricos. Nos meses de janeiro e fevereiro, como demonstrado na Figura 1, grande parte do território registrou um volume de chuvas superior a 250 mm (tons verdes na Figura 1), com destaque para o extremo oeste da Bahia, que apresentou um armazenamento hídrico satisfatório, beneficiando as safras em estágio de maturação, como a soja. Em contrapartida, a região Centro-Norte do estado, enfrentou precipitações insuficientes ou irregulares (tons amarelados Figura 1), diminuindo a umidade no solo, característica marcante durante todo o ano nessa região. Além disso, a região centro-sul enfrentou um período de estiagem entre novembro de 2024 e meados de janeiro de 2025, criando um cenário atípico para as principais culturas na localidade. Com a maior produção e a segunda maior, de café arábica e feijão, respectivamente, os índices pluviométricos impactaram negativamente a produtividade dessas commodities agrícolas, uma vez que o baixo armazenamento hídrico ocorreu em períodos cruciais das safras, como o de maturação, floração e enchimento dos grãos.

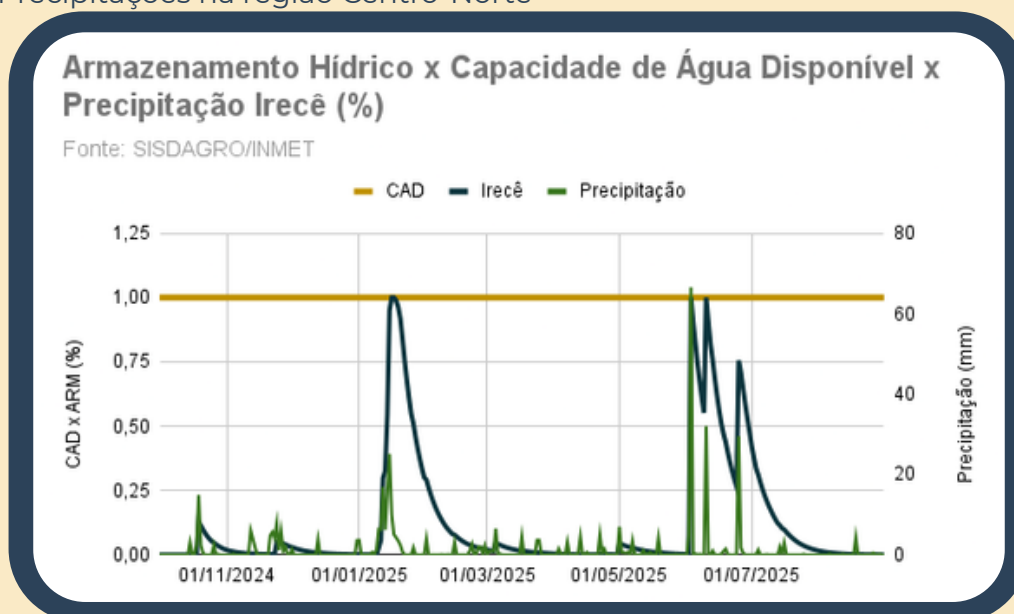
Figura 1 - Precipitação acumulada dos meses de Dezembro de 2024 à Agosto de 2025



Com a chegada do Outono, a diminuição das precipitações foi percebida nas principais mesorregiões do estado. As regiões centro-norte, centro-sul e extremo oeste, tiveram acumulados de chuvas abaixo dos 250 mm (tons amarelados Figura 1). Com destaque para o centro-norte baiano, o Morro do Chapéu (BA), por exemplo, teve um volume total de chuva no mês de apenas 8,0 mm, o que indica uma redução de 90% em relação à média histórica (Boletim INMET). Com base no Gráfico 1, é possível analisar a baixa precipitação na região, com períodos de seca prolongada e baixo armazenamento hídrico. Essa condição reforça o que foi citado anteriormente, a baixa umidade no solo da região ao longo do ano, proporcionando uma ineficiência nas lavouras de sequeiros de feijão e milho. Outra região que sentiu a diminuição da capacidade hídrica armazenada no solo nos meses de março a maio, foi o oeste baiano.

Municípios como Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, chegaram a níveis de umidade abaixo de 50% em relação ao CAD (capacidade máxima de um determinado solo reter uma determinada quantidade de água). A estiagem na região foi benéfica para a safra de soja, que teve sua colheita concluída eficientemente em maio, graças ao clima estável que favoreceu a coleta dos grãos. Contudo, a prolongada seca em maio proporcionou uma diminuição da produtividade do algodão. Em sua fase de maturação e enchimento das maçãs, o algodão demandava alta umidade, o que levou a um desempenho produtivo desfavorável das plumas nesta safra. Na região sul da Bahia, as culturas obtiveram uma reserva hídrica favorável e eficiente, em virtude das recorrentes precipitações iniciadas em janeiro. Com acumulados de chuva acima dos 300 mm, a cidade de Porto Seguro, por exemplo, obteve um armazenamento hídrico favorável para o cultivo de café canephora e cana-de-açúcar, culturas que possuem uma elevada demanda hídrica.

Gráfico 1 - Comparação entre a Capacidade de Armazenamento hídrico do solo, Armazenamento Hídrico e as Precipitações na região Centro-Norte



Fonte: SISDAGRO/INMET (Elaboração própria)

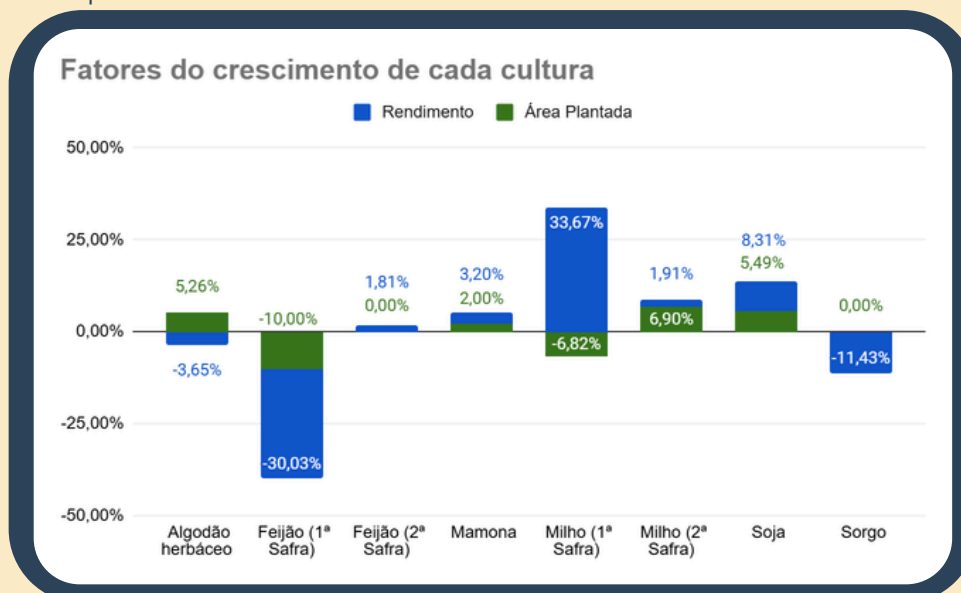
Entre junho e agosto, a Bahia enfrentou uma seca persistente, afetando todas as mesorregiões. Os volumes de chuva ficaram abaixo dos 200 mm (tons amarelados na Figura 1), proporcionando um armazenamento hídrico insuficiente para o andamento favorável das lavouras, podendo encontrar regiões com a umidade no solo abaixo de 20%. Em contrapartida, o extremo oeste do estado foi beneficiado com a estabilidade do clima, o que favoreceu o final da safra de algodão. O clima seco otimizou a colheita das lavouras de sequeiro, facilitando a coleta da pluma.

Fatores que influenciaram a produção agrícola

Com o objetivo de analisar as variações na produção agrícola, o Gráfico 2 e 3 detalham a influência do rendimento médio e da área plantada em comparação ao mesmo período no ano anterior. A expansão da área plantada pode sinalizar otimismo e crescimento do cultivo, enquanto sua redução pode indicar desestímulo ou restrições.

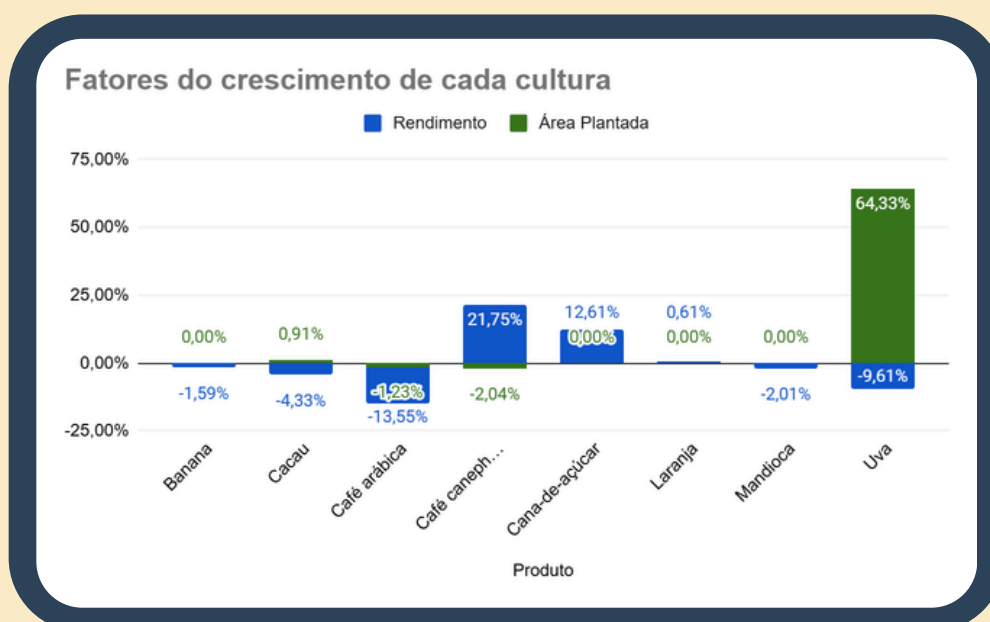
Um rendimento positivo reflete aprimoramento das práticas agrícolas ou condições ambientais favoráveis ao desenvolvimento da cultura. Por outro lado, um rendimento negativo aponta para desafios como seca, pragas, doenças ou manejo inadequado, que impactam diretamente a produtividade.

Gráfico 2 - Fatores que influenciaram a produção agrícola na Bahia, Rendimento x Área Plantada das culturas curto prazo



Fonte: Sidra/IBGE (Elaboração Própria)

Gráfico 3 - Fatores que influenciaram a produção agrícola na Bahia, Rendimento x Área Plantada das culturas longo prazo



Fonte: Sidra/IBGE (Elaboração Própria)

Análise das safras por produto

• Soja

A soja se destaca como a principal commodity agrícola cultivada na Bahia, exercendo forte influência na economia do estado. Sendo a cultura de maior relevância do setor agrário baiano em termos de produção, a soja corresponde a cerca de 40% da produção agrícola total, além de ser a principal cultura comercializada e a que ocupa a maior área plantada. Para compreender a conjuntura econômica da soja na Bahia, deve-se analisar a mais relevante região de produção no estado. O oeste da Bahia, responsável por aproximadamente 90% do cultivo de soja, registrou uma safra equilibrada com rendimento médio superior ao do mesmo período do ano anterior. Este resultado favorável foi impulsionado por uma estabilidade climática, com chuvas e

estiagens ocorrendo nos momentos ideais. A cultura da soja apresentou um aumento de 14,2% em relação à safra anterior, reflexo da expansão das áreas de cultivo e do incremento da produtividade. O rendimento médio da safra aumentou 8,3%, beneficiado por um armazenamento hídrico adequado em todas as fases de desenvolvimento da planta. Em destaque para os meses dezembro à fevereiro, a qual a cultura estava submetida ao desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento dos grãos, períodos com alta demanda hídrica atendida, em virtude do crescimento de diversas estruturas da cultura.

A colheita, que foi concluída em abril, registrou um rendimento médio dentro do esperado. Isso se deve à precipitação regular durante os períodos críticos para as plantações e à manutenção dos níveis de umidade, resultando em uma safra com o maior nível de produção na história da Bahia. Apesar dos ótimos rendimentos gerais da safra, algumas lavouras consideradas tardias tiveram quedas na produtividade, proporcionadas por precipitações pontuais no território baiano. Nessas áreas específicas, a umidade no solo foi acima dos parâmetros ideais para o cultivo, embora não tenha impactado significativamente os resultados consolidados da safra, o rendimento dessas lavouras foi menor do que o esperado.

- **Algodão Herbáceo**

Com a maior produção no Nordeste e a segunda maior no Brasil, o algodão se destaca como um dos principais propulsores econômicos do setor agrícola do estado. Detentor de, aproximadamente, um quarto da produção nacional, o algodão obteve uma safra abaixo das expectativas iniciais dos produtores. Com um tímido aumento de 1,42% nas lavouras em relação ao mesmo período do ano anterior, as áreas destinadas à produção da cultura foram ampliadas em 5%, devido às expectativas de crescimento da produção, impulsionadas pelos ótimos resultados das colheitas anteriores. As lavouras de algodão, em sua maioria, não utilizam métodos de irrigação artificial, dependente apenas das precipitações nas regiões de cultivo. Tendo isso em mente, a safra de algodão sofreu com a diminuição do rendimento médio por hectare. Essa redução foi ocasionada pelos baixos níveis de umidade no solo em períodos de alta demanda hídrica. Entre os meses de maio a julho, a safra do algodão encontrava-se em formação de maçãs (fase de criação de estruturas para que ocorra o amadurecimento eficaz da planta). A escassez hídrica, conforme mostra a figura 1, provocou uma diminuição da capacidade produtiva, diminuindo o rendimento médio das lavouras em cerca de 3,6%.

Outro fator significativo que comprometeu a produtividade da lavoura foi a incidência de pragas, como a mosca branca e a lagarta. Essas pragas são uma das principais responsáveis pelo enfraquecimento das plantas, pela disseminação de doenças e pela formação de fungos que incapacitam o processo de fotossíntese. A elevação da temperatura e o clima seco vem contribuindo para o aumento dos casos dessas pragas nas lavouras. Embora a produtividade média tenha sido menor do que na safra anterior, principalmente por causa das condições climáticas adversas, os resultados finais da colheita em setembro superaram as expectativas mais pessimistas. A qualidade da fibra surpreendeu positivamente, apresentando bons índices quanto à coloração, resistência, comprimento e rendimento. A melhoria nos parâmetros de qualidade é atribuída à evolução dos materiais genéticos utilizados e ao manejo mais eficiente, com destaque para a nutrição adequada com macro e micronutrientes, além do uso estratégico de reguladores hormonais. (Boletim Conab).

- **Feijão (1º e 2º Safra)**

Na safra de 24/25, o produto agrícola que teve o pior desempenho em relação ao ano anterior foi o feijão. Com a redução de quase 40% da safra principal no território baiano, os produtores estão temerosos em relação à cultura. As principais regiões produtoras de feijão, como Centro-Sul, Extremo Oeste e Vale do São Francisco, foram severamente afetadas pela escassez de chuvas. Destaca-se a região Centro-Sul da Bahia, a segunda maior produtora, que sofreu com precipitações irregulares ao longo de todo o ciclo produtivo, resultando em uma queda de 30% no rendimento médio em comparação com o ano anterior.

Além disso, as lavouras foram prejudicadas pela elevação da temperatura e pelo clima seco, o que favoreceu a proliferação de pragas, especialmente a mosca branca. Esses fatores negativos estão desencorajando os produtores, evidenciado pela redução de 10% na área plantada, que está sendo substituída por culturas mais rentáveis, como a soja, mamona e o milho. Além disso, a proximidade do plantio de feijão com lavouras de soja é desaconselhada devido ao risco de problemas fitossanitários, como a proliferação da mosca-branca (Indicadores IBGE : estatística da produção agrícola).

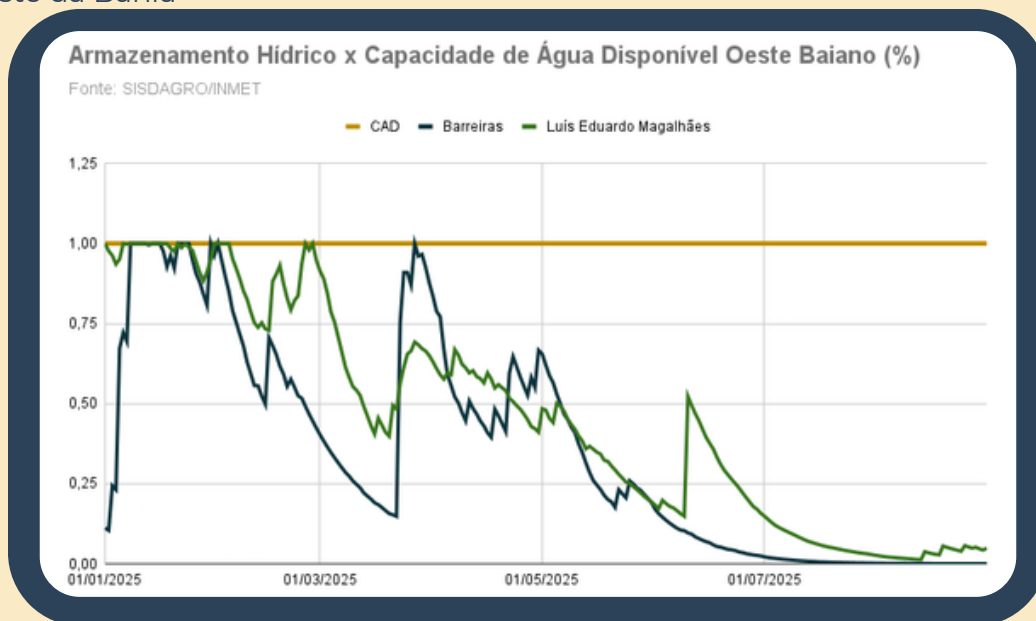
Por outro lado, a segunda safra de feijão apresentou um desempenho positivo, com a produção crescendo 1,9%, impulsionada por um aumento de produtividade de 1,8%. As lavouras, que são manejadas sob irrigação, tiveram pequenas variações e o plantio ocorreu de forma mais tardia, inclusive como estratégia fitossanitária para evitar a alta incidência de mosca-branca.

- **Milho**

O milho, a segunda maior commodity produzida no país, possui uma relevância socioeconômica importante no cenário brasileiro. Matéria-prima de diversos produtos que impactam diretamente no agronegócio, a pecuária, a indústria de alimentos e a de biocombustíveis, se mostra presente na malha agrícola baiana. O milho, que representa 11% da produção agrícola total no estado, teve uma conjuntura econômica peculiar na 1ª safra de 24/25. O clima foi uma importante variável de alteração da produção física das lavouras. As plantações de milho na região Oeste, no mês de outubro de 2024, sofreram com a escassez hídrica no seu período de semeadura e emergência, dificultando o seu processo de germinação. Em virtude do baixo armazenamento hídrico, algumas plantas tiveram uma diminuição da sua capacidade de crescimento ou em alguns casos o não surgimento, proporcionando uma diminuição do rendimento por hectare. Além disso, foi possível determinar mais um período de estiagem nas lavouras. No processo de enchimento dos grãos, a qual determina o tamanho do cereal, o armazenamento hídrico observado estava abaixo dos 50%, conforme mostra o Gráfico 4. Além disso, o milho 1ª safra teve uma alta incidência de pragas durante a lavoura. Com a infestação de cigarrinha, lagartas e doenças de colmo o desempenho das lavouras foi limitado, proporcionando um aumento no controle fitossanitário na produção, elevando o custo das plantações.

Mesmo com as limitações nas lavouras, a produção física e o rendimento médio da cultura aumentaram em 24,5% e 33,6 % em comparação ao ano anterior. Essa grande elevação das variações foram provocadas pela baixa produtividade na safra anterior. Nos últimos anos, a área plantada com o milho 1ª safra vem declinando, uma vez que os produtores vêm aumentando as áreas de soja nessa época, devido a sua maior rentabilidade e liquidez, sendo cada vez maior a participação da 2ª safra na produção brasileira de milho (Indicadores IBGE : estatística da produção agrícola).

Gráfico 4 - Comparação entre a Capacidade de Armazenamento hídrico e a umidade no solo do Extremo Oeste da Bahia



Fonte: SISDAGRO/INMET (Elaboração própria)

A segunda safra do milho vem adquirindo cada vez mais espaço no cenário baiano, com uma variação de 6,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. Com precipitações regulares e baixa incidência de pragas, as lavouras de milho tiveram resultados favoráveis. Com o aumento de 8,9% da produção física e 1,9% do rendimento por hectare de terra.

• Café

O Brasil se destaca há mais de 150 anos como o maior produtor mundial de café, respondendo por cerca de um terço da produção global. No país, são cultivados principalmente os grãos Arábica e Canephora. A Bahia, por sua vez, reflete essa importância no cenário cafeeiro internacional, se destacando pela qualidade dos grãos produzidos no Sul baiano, no centro-sul e no extremo oeste.

A produção física do café arábica na Bahia, cultivado majoritariamente na região do Planalto da Conquista, registrou uma queda de 14,6% em relação ao ano anterior, enquanto a área plantada diminuiu 1,2%. Essa queda deve-se à irregularidade das chuvas na principal região produtora da Bahia. No mês de outubro de 2024, a safra de arábica se encontrava em período de floração. A estiagem, provocada pela baixa precipitação na região, proporcionou uma redução da capacidade produtiva do grão, uma vez que esse período demanda uma alta quantidade de insumos. Além disso, entre fevereiro e março, a safra sofreu com a baixa reserva hídrica em um período crucial: a granação, que define o tamanho e o enchimento dos frutos. Produtores têm notado, nas últimas colheitas, que é preciso uma quantidade maior de grãos para preencher uma saca de 60 kg de café, indicando um preenchimento menos eficiente dos grãos. Esse menor enchimento dos frutos causou uma diminuição significativa de 13,5% do rendimento por hectare.

Atualmente, as lavouras mais precoces estão em plena maturação e colheita. Já nas áreas mais tardias, o estágio predominante é de enchimento dos grãos, devendo concluir sua sega apenas em novembro de 2025. No geral, as plantas apresentavam aspecto razoável com boa qualidade fisiológica, no entanto devido à severidade do clima e a diversidade entre os manejos, há grande variação de maturação das lavouras, sendo possível encontrar desde frutos verdes em fase de

enchimento de grãos até frutos secos, e o aumento da produção nesta safra deve-se à menor incidência de pragas e de doenças. (Boletim Conab)

O café conilon na Bahia é cultivado principalmente na região do Atlântico, ao sul do estado. As propriedades locais contam com um bom pacote tecnológico, o que contribui para a adaptabilidade e alta produtividade da cultura. A irrigação suplementar é amplamente utilizada e tem demonstrado bons resultados. A safra se encontra em fase de maturação e colheita. Com a regularidade das chuvas na região, os produtores diminuíram o custo com irrigação nas lavouras de robusta. Esse armazenamento hídrico satisfatório, proporcionou um aumento de rendimento médio da cultura em cerca de 21,7%, elevando a produção física na região em 19,2%. Além disso, a boa rentabilidade dos preços do conilon, incentivaram os produtores a investirem mais em tratamentos culturais e adubação, dessa forma, contribuindo para o aumento da produtividade.

Como consequência das boas condições de campo, as indústrias beneficiadoras também registram alta da qualidade do grão em relação à última safra, sendo estimado que, da produção entregue até o momento, 18% possui qualidade inferior (acima de 600 defeitos), 71% possui qualidade boa (cerca de 360 defeitos) e 11% possui qualidade superior (abaixo de 160 defeitos). (Boletim Conab)

• **Cana-de-açúcar**

As estimativas em relação às lavouras canavieiras se apresentam positivas na safra de 2025. Caracterizada por uma cultura de longa duração, a cana-de-açúcar detém a segunda maior produção física no estado baiano. Com a melhora dos índices pluviométricos, as lavouras tiveram um aumento significativo de 12,6% da produção física em relação ao mesmo período do ano anterior, mesmo sem a alteração na área plantada. Esse aumento do volume da produção foi propiciado, exclusivamente, pelo aumento da produtividade das plantas. A colheita foi iniciada no mês de março e tende a ser finalizada até janeiro de 2026. O processamento da safra tem o seu pico em setembro, mês ao qual todas as unidades baianas estão em atividade. Existe um desejo de ampliação e renovação das áreas destinadas à cultura, tendo em vista que algumas lavouras apresentam um rendimento abaixo do esperado. O plantio, no entanto, se mantém devagar, uma vez que a concorrência de outras culturas como café e o eucalipto, com altas rentabilidades, limitam a ampliação mais acelerada da canavieira.

Nas lavouras, a ocorrência de pragas e doenças como pulgão, cigarrinha, broca-da-cana, broca gigante, broca peluda, lagarta-elasma, ácaros, ferrugem e carvão é identificada. A maioria delas é controlada e não causa prejuízos econômicos. No entanto, a broca gigante e a broca peluda exigem maior atenção, sendo necessário um protocolo específico que envolve diferentes princípios ativos e agentes biológicos para seu manejo eficaz.

No aspecto industrial, estima-se elevação na produção de açúcar e etanol decorrentes do aumento no volume de matéria-prima disponível, da reativação de estruturas industriais antes inoperantes e da ampliação da capacidade de processamento em unidades que passaram a operar com perfil produtivo mais diversificado (Boletim Conab).

• **Cacau**

O Brasil ocupa a sexta posição global na produção de cacau, contribuindo com 4,6% do total mundial. A Bahia se destaca como a maior produtora e exportadora nacional, representando 46,9% da produção brasileira em 2024 e 54,4% das exportações totais (em quantidade e valor) no mesmo ano.

No entanto, a safra de cacau de 2025 na Bahia apresentou uma leve queda na produção física, diminuindo 3,44% em relação ao mesmo período do ano anterior. Essa redução foi principalmente impactada pela estiagem nas regiões Sul e Extremo Sul da Bahia, especialmente nos meses de fevereiro e março. A escassez de chuvas e os baixos níveis de umidade do solo comprometeram o desenvolvimento dos frutos, resultando na diminuição da produtividade e, consequentemente, na queda da produção trimestral.

Apesar de um leve aumento de 0,91% na área plantada, a queda na produção é explicada pela redução de 4,33% no rendimento. Isso sugere que fatores como pragas, doenças ou condições climáticas desfavoráveis (como períodos de menor umidade ou chuvas irregulares) podem ter afetado negativamente a produtividade das lavouras cacaueiras durante esse período.

- **Mamona**

A Bahia é o principal estado produtor de mamona no Brasil, com a maior parte do cultivo concentrada na região centro-norte. Destacam-se os municípios de Irecê, Canarana, Ibititá, Barro Alto e Mulungu do Morro. A mamona é cultivada por pequenos produtores e, por ser uma planta resistente, tem se mostrado uma excelente opção para a agricultura local, especialmente devido às condições climáticas do semiárido. Com o aumento da demanda pela cultura nas indústrias químicas e de biodiesel, os produtores enxergam a mamona como uma ótima opção para aumentar a sua rentabilidade. Esse processo foi evidenciado pela substituição de algumas lavouras de milho e feijão.

No centro-norte da Bahia, o cultivo da mamoneira apresenta um ciclo de dois anos. O plantio concentra-se tradicionalmente entre novembro e janeiro, tanto para cultivos de sequeiro quanto irrigados. Contudo, devido ao manejo de irrigação, é possível observar o plantio durante todo o ano.

A colheita também ocorre ao longo do ano, com os maiores volumes registrados entre maio e agosto. Embora a safra seja considerada finalizada nesse período, a colheita prossegue. Com a chegada das chuvas no final de setembro, espera-se que as lavouras recuperem o vigor, iniciando-se então o plantio de sequeiro. A falta de umidade no solo impactou negativamente o desenvolvimento das lavouras de sequeiro, sendo mais pronunciada nas plantações iniciadas a partir de janeiro de 2025, que tiveram uma diminuição das estimativas de rendimento de 20% para 3,2%. Lavouras de segundo ciclo e as plantadas em novembro de 2024 sofreram menores perdas. As altas temperaturas afetaram todas as lavouras (sequeiro, irrigada, primeiro e segundo ciclo), comprometendo a polinização e a formação das bagas. A produção se mantém crescente no estado, com um aumento de 5,3% do volume.

- **Mandioca**

No ano de 2025, a produção de mandioca na Bahia apresentou um ligeiro declínio de 2,01% em comparação ao mesmo período de 2024. A área cultivada permaneceu estável, sem alteração, indicando que a alocação de terras para esta cultura não sofreu alterações significativas.

Consequentemente, a redução na produção é diretamente atribuída à queda de 2,01% no rendimento por hectare. Essa diminuição na produtividade pode estar relacionada a fatores climáticos específicos ou a práticas de manejo pontuais que impactaram o desenvolvimento das plantas nas regiões de cultivo.

- **Sorgo**

O sorgo vem apresentando um resultado negativo nas lavouras baianas. O sorgo tem se mostrado uma alternativa promissora para o Semiárido baiano. A cultura é mais resistente à seca do que o milho, e tem sido utilizada por produtores da região como uma opção para a alimentação animal. Apesar das crescentes estimativas das safras de sorgo nos últimos anos, a cultura apresentou uma queda de 11,46% na produção física e 11,43% no rendimento por hectare. Esse resultado possivelmente está relacionado com os períodos de baixa precipitação na região do extremo oeste e centro norte baiano, uma vez que não houve alteração na área plantada das lavouras. A cultura, apesar de ser cultivada em condições adversas e com baixo investimento em insumos, sentiu os efeitos das irregularidades pluviométricas e climáticas.

- **Fruticultura (Banana, Uva e Laranja)**

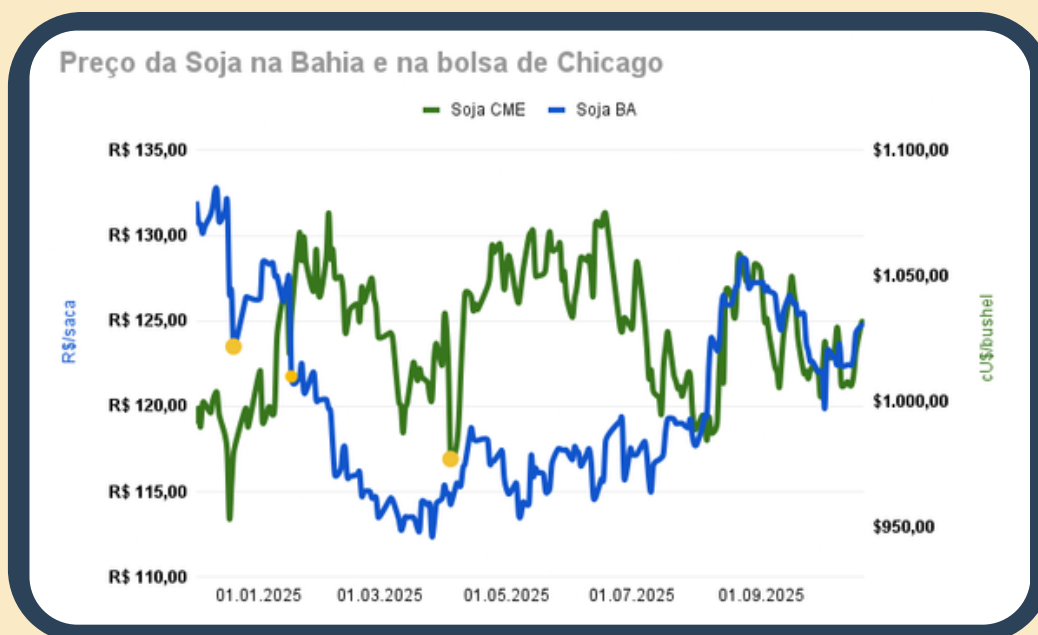
O Vale do São Francisco destaca-se como o maior polo frutífero do Brasil, impulsionado por suas condições naturais favoráveis, como a alta luminosidade, a vasta disponibilidade hídrica e a umidade. Juazeiro e Petrolina são as principais cidades que representam essa importante região. As lavouras de banana e laranja apresentaram leves variações, sem grandes oscilações estruturais. A laranja teve um aumento de 0,6% da produção física, impulsionada pelo aumento do rendimento, provocado pelas condições favoráveis de cultivo das lavouras. Além disso, foi registrado uma queda de 1,59% da produção física da banana. Essa variação ocorreu, provavelmente, em virtude das oscilações climáticas ou pequenas infestações de pragas.

A uva apresentou uma conjuntura econômica no ano de 2025, bastante interessante. Como característica de único local do mundo a realizar cinco safras em apenas um espaço de dois anos, as lavouras de uvas tiveram variações significativas em comparação ao mesmo período do ano anterior. Com o anúncio do novo acordo bilateral entre China e Brasil, firmado em outubro de 2024, sobre a abertura de quatro mercados agropecuários brasileiros, houve um aumento das expectativas de receita no segmento de viticultura no estado da Bahia. Segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), o país será responsável por atender 2% das exportações de uvas in natura para o país asiático. Com a segunda maior produção de uva no país e a maior em termos de exportação, os produtores baianos aumentam suas expectativas em relação à cultura, proporcionando um aumento de 64% da área plantada em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse aumento provocou uma produção recorde no estado de 10,2 toneladas de fruta, provocando um aumento de 64,4% em comparação ao ano anterior. Contudo, com o anúncio das tarifas americanas de Donald Trump, o mercado baiano apresentou-se ameaçado, uma vez que o maior importador de uvas brasileiras é os Estados Unidos. A uva enfrentou um dos períodos mais difíceis da década com a sobretaxa norte-americana. O mercado dos EUA — principal destino das variedades candies — praticamente se fechou. Exportadores reagiram redirecionando volumes à Europa, à Argentina e ao mercado interno, evitando quedas mais bruscas de preço (HF Brasil). A queda das exportações está se refletindo na diminuição dos preços do produto no mercado interno, já que apesar de uma alta demanda interna consumidora, esta não será suficiente para absorver toda a produção realizada nesta safra. Portanto, o mercado viticultor se vê obrigado a diversificar os mercados e estimular o consumo doméstico.

• Soja

O mercado da soja nos primeiros nove meses de 2025 foi de um panorama sobre a força dos prêmios de exportação diante de um cenário global baixista. Embora o período tenha terminado com uma variação acumulada de -4,82% no preço físico em Barreiras (BA), essa aparente estabilidade apresentou preços na praça local oscilando entre um mínimo de R\$112,38 e um máximo de R\$132,63 por saca. O período foi marcado por duas forças: uma super oferta global e uma projeção de safra recorde na América do Sul, fatores que pressionaram as cotações na Bolsa de Chicago (CBOT) para um patamar mais baixo.

Gráfico 5 - Evolução dos Preços da Soja no mercado doméstico e internacional



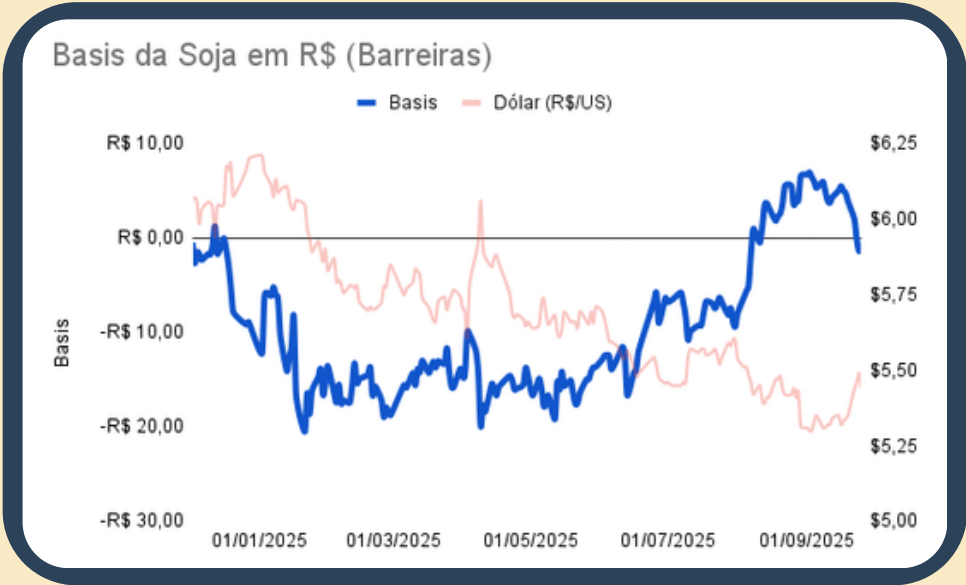
Fonte: Seagri, Investing

Esta pressão externa foi sentida na Bahia no primeiro trimestre, coincidindo com o avanço da colheita local. Os preços em Barreiras despencaram, atingindo seu piso do ano em março, na casa dos R\$112,00/saca. No entanto, a análise de rentabilidade da CONAB para este mesmo mês revela um ponto crucial: mesmo neste cenário de preços mínimos, a operação se manteve lucrativa. Os custos de produção estavam cobertos e o produtor ainda operava com uma margem líquida positiva.

Este piso de rentabilidade foi o ponto de inflexão para o restante do ano. A verdadeira história do mercado de soja não foi sobre o preço em si, mas sobre o diferencial de preço (basis). O gráfico do basis mostra que, após a pressão inicial da colheita em janeiro e fevereiro, iniciou-se uma trajetória de valorização contínua do prêmio da soja baiana. O catalisador foi a escalada das tensões comerciais entre EUA e China, que levou a um redirecionamento da demanda chinesa para o produto brasileiro.

Enquanto Chicago operava pressionado pela falta de demanda, os prêmios de exportação nos portos brasileiros dispararam. O basis em Barreiras reflete isso perfeitamente: o desconto, que era de quase R\$20,00 no início do ano, foi se dissipando até se tornar positivo em setembro. Este evento, significa que a soja física na Bahia estava valendo mais do que a referência internacional. Portanto, o produtor baiano, que já se mostrava lucrativo no pior momento do ano, foi duplamente beneficiado por prêmios geopolíticos, que protegem sua receita.

Gráfico 6 - Basis da Soja (Barreiras)



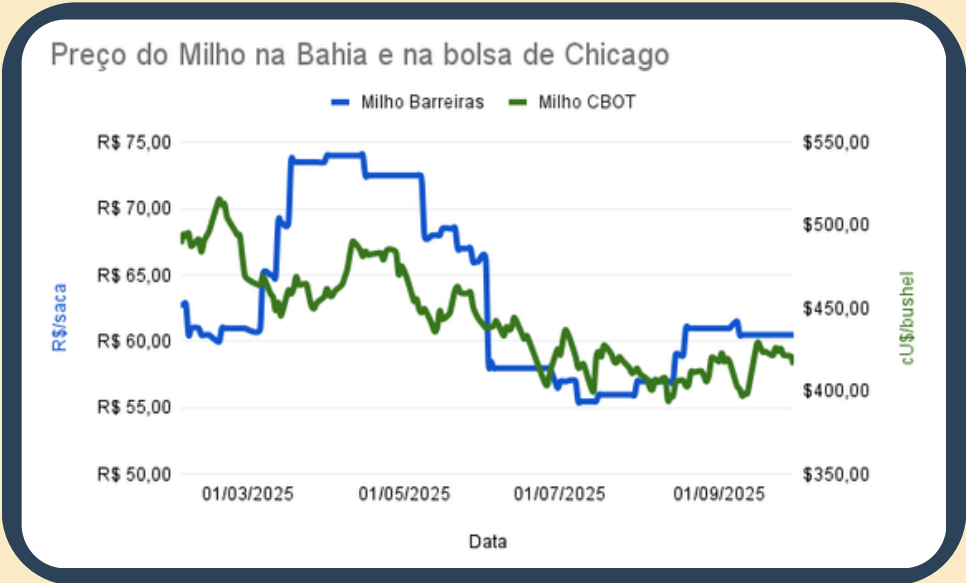
Fonte: BCB, elaboração própria

• Milho

O mercado de milho na Bahia, ao longo de 2025, foi marcado por uma dinâmica regional sobreposta às tendências globais de Chicago (CBOT). A análise revela um mercado de duas fases distintas, onde o produtor da 1ª safra baiana capitalizou em cima de um cenário de oferta interna apertada.

O primeiro semestre foi marcado por uma forte escalada de preços em Barreiras (e nas demais regiões produtoras da Bahia), que atingiu picos acima de R\$74,00/saca. Este movimento foi alimentado pela escassez de milho antes da safrinha e, crucialmente, pelos gargalos logísticos da colheita da soja, que tornaram o milho baiano "disponível" mais valioso. Além disso, houve fatores climáticos que impactaram negativamente a região centro norte da Bahia.

Gráfico 7 - Evolução dos Preços do Milho no mercado doméstico e internacional



Fonte: Seagri, Investing

A análise de rentabilidade da CONAB para março de 2025, no auge desta alta, comprova a excelente oportunidade: com preços de mercado a R\$ 69,88/saca, o produtor em Barreiras operava com uma margem líquida positiva de R\$ 8,33/saca, muito acima de seus custos variáveis e fixos. Esta lucratividade foi um reflexo direto do basis (diferencial), que, como visto no gráfico 8, explodiu de um desconto para um prêmio superior a R\$17,00/saca. O mercado físico local se descolou da referência internacional.

Gráfico 8 - Basis do Milho em Barreiras



Este cenário de prêmios evaporou a partir de maio. A entrada da volumosa 2ª safra (safrinha), somada a um choque de demanda interna por temores de gripe aviária, provocou uma correção acentuada nos preços, que buscaram seu piso em julho, e o basis recuou drasticamente. Contudo, o mercado se equilibrou em um novo patamar no terceiro trimestre. A recuperação dos preços, impulsionada pela nova demanda estrutural do etanol de milho, garantiu que o basis se estabilizasse em um nível positivo e robusto, sinalizando uma nova e duradoura realidade de valorização para o milho baiano.

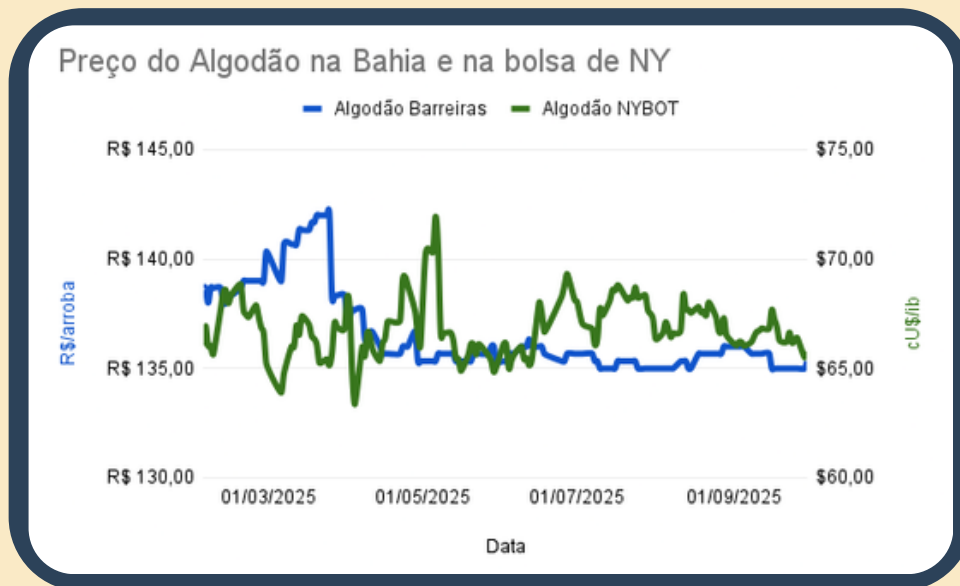
• Algodão

O mercado de algodão em 2025 foi caracterizado por uma forte pressão baixista no cenário internacional. Uma combinação de estoques mundiais confortáveis, demanda global enfraquecida (especialmente pela menor necessidade de importação da China) e uma safra recorde no Brasil (e na Bahia). Esses fatores empurraram as cotações em Nova York (NYBOT) para patamares bem baixos. Agravando este cenário para o produtor baiano, a valorização do Real frente ao Dólar corroeu ainda mais a rentabilidade, visto que os custos de produção são dolarizados.

A dinâmica do primeiro semestre expôs essa desconexão. Em março, enquanto a bolsa de Nova York caía, pressionada pelo fortalecimento do dólar e pelas perdas no petróleo, os preços internos de Barreiras registraram uma alta como visto no gráfico 9.

A análise de rentabilidade da CONAB para março de 2025, no auge da alta local, quantifica a importância dessa resiliência. Com o preço de mercado em média de R\$140/@", o produtor operava com uma margem líquida de apenas R\$1,63/@@. Este número é a prova de que o preço em Barreiras, que parecia alto em comparação com NY, era, na verdade, o mínimo necessário para cobrir os custos e garantir a viabilidade da operação.

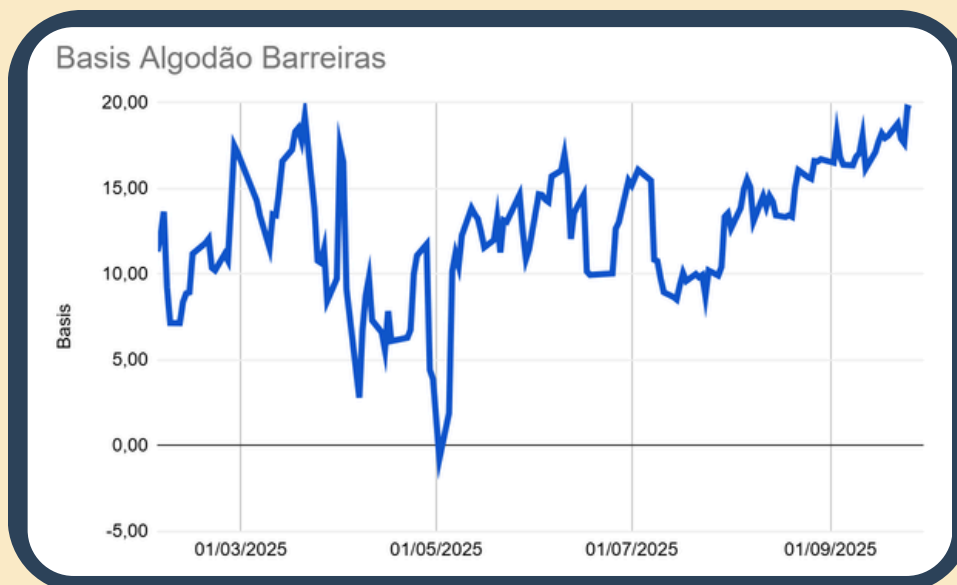
Gráfico 9 - Evolução dos Preços do Algodão no mercado doméstico e internacional



Fonte: Seagri, Investing

Já no segundo semestre, a partir de julho, iniciou-se o período de colheita. A lógica de mercado ditaria uma "pressão de safra", com a maior oferta derrubando os preços. Entretanto, historicamente o preço do algodão já vem de baixa a tempos, e o que ocorreu não foi uma queda tão significativa em relação às expectativas profetizadas pelos produtores e pelo mercado.

Gráfico 10 - Basis do Algodão em Barreiras



Fonte: Seagri, Investing (Elaboração própria)

É possível observar no gráfico 10 que a partir de junho durante o início da colheita na Bahia, começa a haver um deslocamento entre os preços no mercado, de tal maneira que o preço interno se manteve em um nível mais estável do que o preço internacional que oscilou bastante. A explicação para essa desconexão reside na estratégia comercial dos produtores baianos e na alta qualidade da pluma.

O gráfico do basis (diferencial) é a prova dessa dinâmica. Ele mostra que o prêmio pago pelo algodão baiano em relação a Nova York (convertido para R\$/@) aumentou de forma consistente ao longo de todo o ano, saltando de R\$5,00 para quase R\$ 20,00/@.

Em suma, a história do algodão na Bahia em 2025 não foi uma de preços altos, mas sim de prêmios um pouco satisfatórios. O produtor local, mesmo diante do pior cenário global possível, usou sua força de mercado e a qualidade do produto para se defender, forçando compradores e exportadores a pagar um ágio para garantir o acesso à pluma baiana.

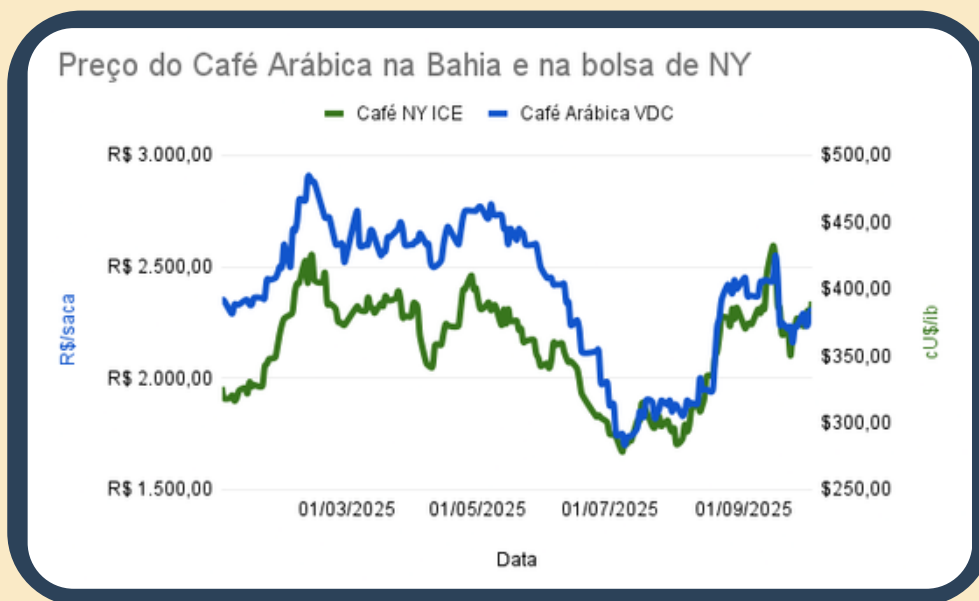
- **Café Arábica**

O mercado de café arábica em 2025 foi marcado por alta volatilidade. A praça de Vitória da Conquista (VDC) acompanhou de perto a referência de Nova York (ICE), mas a análise do basis (diferencial) revela momentos em que a demanda pela qualidade do café baiano se destacou.

O ano abriu com o mercado em alta tensão. Preocupações climáticas severas (secas) nas principais regiões produtoras do Brasil (MG e SP), combinadas com baixa disponibilidade de produto no mercado, e estoques reduzidos. A demanda de exportação aquecida (China e Rússia) e a restrição de oferta pelos produtores acentuaram a alta, levando os preços em VDC a picos históricos, próximos de R\$2.900,00/saca em fevereiro. Além disso, vale ressaltar que no Brasil estamos em ano de bienalidade baixa, ou seja, menos disponibilidade de café na produção das lavouras. Somado a isso, ainda tivemos diversos casos de quebra de safra em algumas regiões produtoras na Bahia.

A análise de rentabilidade da CONAB de março, com um preço de mercado médio de R\$2.600,00/saca, quantifica o momento excepcional: os cafeicultores baianos operaram com uma margem líquida astronômica de R\$1.997,82/saca, a maior rentabilidade entre as culturas analisadas.

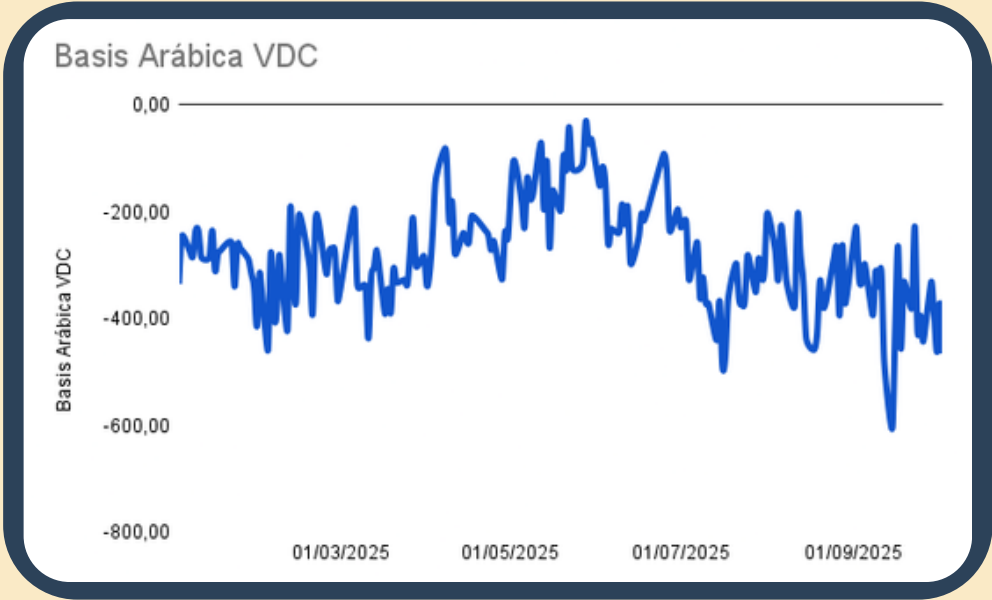
Gráfico 11 - Evolução dos Preços do café arábica no mercado doméstico e internacional



Fonte: Seagri, Investing.

A partir do final de março, com a dissipação dos temores climáticos e, principalmente, o início da colheita no Brasil (abril), o mercado entrou em uma longa e acentuada correção. O basis (desconto) do café baiano, que havia se fortalecido durante a alta, voltou a enfraquecer (aumentar o desconto), refletindo a "pressão de safra". O ponto mais baixo foi atingido em julho, no auge da colheita nacional e com notícias de boas safras em outros países produtores.

Gráfico 12 - Basis do café arábica em VDC BA

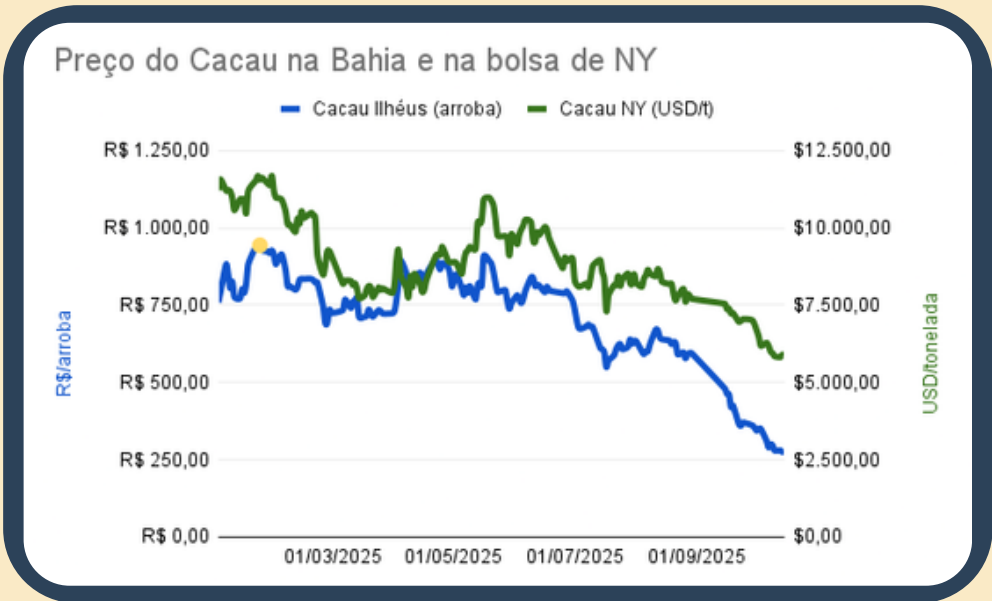


Contudo, o mercado reverteu drasticamente a partir de agosto. A recuperação foi impulsionada por um novo ciclo de incertezas: episódios de geadas em Minas Gerais reavivaram os temores sobre a produção, enquanto tensões geopolíticas, como a imposição de novas tarifas dos EUA sobre produtos brasileiros, geraram preocupação sobre a oferta futura nos países importadores. Essa combinação de fatores levou a uma nova escalada de preços, encerrando o período em um patamar robusto e volátil.

• **Cacau**

O mercado de cacau vivenciou em 2025 um ciclo de proporções históricas. O ano iniciou no auge de uma crise de oferta sem precedentes, com o preço em Ilhéus atingindo picos superiores a R\$940,00/arroba. Esta escalada foi resultado direto de uma quebra de safra na África Ocidental (Gana e Costa do Marfim), responsável por 65% da produção mundial, devido a fatores climáticos e doenças severas. Com a demanda global ainda aquecida, os estoques foram consumidos, levando os preços a níveis recordes.

Gráfico 13 - Evolução dos Preços do café arábica no mercado doméstico e internacional

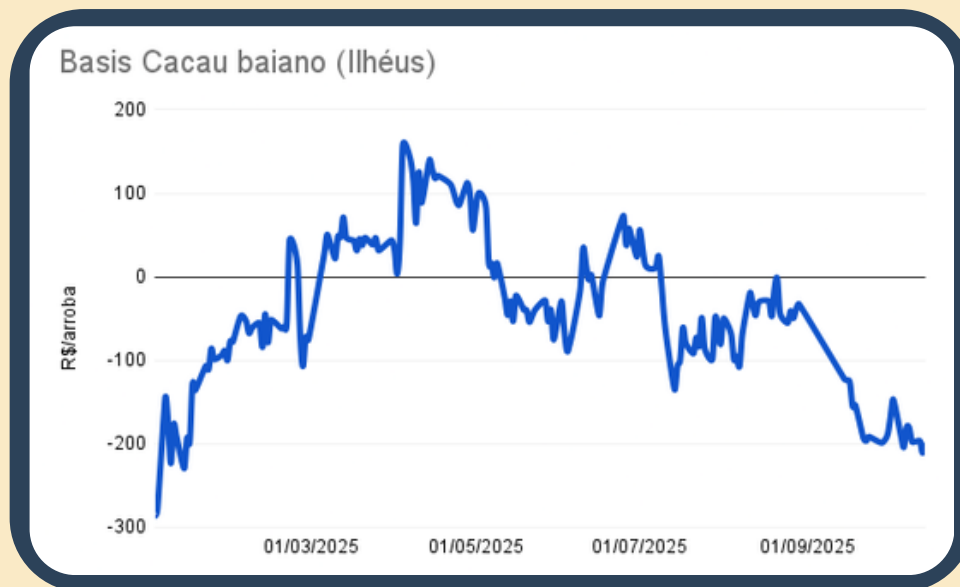


Fonte: Seagri, Investing.

O mercado de cacau é, sem dúvida, a história mais dramática de 2025. Uma subida meteórica seguida de um colapso devastador, com consequências reais para o produtor baiano.

Os dados de rentabilidade da CONAB para março, com um preço médio de R\$735,00/arroba, quantificam a magnitude desse momento: o produtor baiano operou com uma margem líquida extraordinária de R\$474,79/arroba. O gráfico do basis (diferencial) ilustra o poder do produtor nesse período: o desconto local desapareceu e se transformou em um prêmio positivo superior a R\$150,00/arroba, com a indústria e os exportadores disputando ativamente o cacau baiano.

Gráfico 14 - Basis do Cacau em Ilhéus



A partir de fevereiro, o cenário começou a mudar por dois motivos clássicos: destruição de demanda e resposta da oferta. Primeiro, os preços do chocolate ao consumidor e a matéria-prima para a indústria ficaram tão caros que a demanda global recuou, e as indústrias na Bahia passaram a importar a amêndoa para conter os custos. Segundo, a melhora climática na África e os investimentos incentivados pelos preços altos sinalizaram uma safra futura muito maior, mudando a expectativa do mercado de déficit para superávit.

A partir de julho, a queda se acentuou, com as grandes indústrias segurando as compras para forçar os preços para baixo. O basis inverteu-se violentamente, mergulhando para um desconto de -R\$200,00/arroba. Isso evidencia a "quebra de braço" vencida pela indústria, que usou seu poder de mercado e a falta de capacidade de armazenagem dos produtores para impor preços muito abaixo da referência internacional.

Ao final do período, os preços na Bahia haviam desmoronado mais de 80% do pico, retornando a patamares próximos de R\$200,00/arroba. Este colapso criou uma crise severa para os produtores locais, em sua maioria de agricultura familiar. Muitos, incentivados pela alta histórica, realizaram investimentos para recuperar suas lavouras e agora enfrentam grande dificuldade para cobrir os custos e os financiamentos.

Conclusão

Em suma, o cenário agrícola da Bahia em 2025 foi marcado por contrastes. Embora o setor tenha registrado um aumento físico de 12% na produção de insumos, algumas culturas enfrentaram desafios significativos. As condições climáticas, com a distribuição irregular de chuvas e períodos de estiagem, foram determinantes para as variações de produtividade, afetando negativamente culturas como o feijão e o café arábica, enquanto beneficiaram a soja e

o café conilon. Além disso, fatores como pragas e a concorrência por áreas de cultivo influenciaram o desempenho de outras commodities. Apesar das dificuldades pontuais, a resiliência dos produtores e a evolução das práticas agrícolas, como o uso de materiais genéticos aprimorados e manejo eficiente, foram cruciais para mitigar os impactos e, em alguns casos, superar as expectativas iniciais, reafirmando a importância da Bahia no agronegócio nacional.

Referências Bibliográficas:

IBGE. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. 2025. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6588>. Acesso em: 14 out. 2025.

IBGE. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=72415>. Acesso em: 20 out. 2025.

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. Informações Agropecuárias. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias>. Acesso em: 21 de outubro de 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). SISDAGRO. Disponível em: <https://sisdagro.inmet.gov.br/sisdagro/app/index>. Acesso em: 21 out. 2025.

BOTHEON, Margarete; MOURA, Lucas de; FERRAZ, Isabela; ADBALA, Guilherme. Fruticultura brasileira reage com agilidade ao tarifaço dos EUA. HF Brasil. Disponível em: <https://www.hfbrasil.org.br/br/fruticultura-brasileira-reage-com-agilidade-ao-tarifaco-dos-eua.aspx>. Acesso em: 21 out. 2025.

CANAL RURAL BA. Após novo acordo bilateral, Bahia exportará uva para a China. Canal Rural. 22 nov. 2024. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/nacional/bahia/apos-novo-acordo-bilateral-bahia-exportara-uva-para-a-china/>. Acesso em: 21 out. 2025.

SECRETARIA DE AGRICULTURA, PECUÁRIA, IRRIGAÇÃO, PESCA E AQUICULTURA (SEAGRI). Cotação de Produtos Agrícolas. Disponível em: https://www.ba.gov.br/seagri/cotacao?produto=&praca=&tipo=&data_inicio=01%2F07%2F2017&data_final=12%2F07%2F2017. Acesso em: 1 set. 2025.

INVESTING.COM BRASIL. Disponível em: <https://br.investing.com/>. Acesso em: 21 out. 2025.

4

Indústria

4

Indústria| Luiza Souza Brandão

Na análise dos segmentos da indústria baiana, é possível perceber um crescimento em quatro das 11 atividades no primeiro semestre de 2025. Nesse período, o estado apresentou um crescimento acumulado de 1,2% na Indústria de Transformação em comparação ao mesmo período do ano anterior.

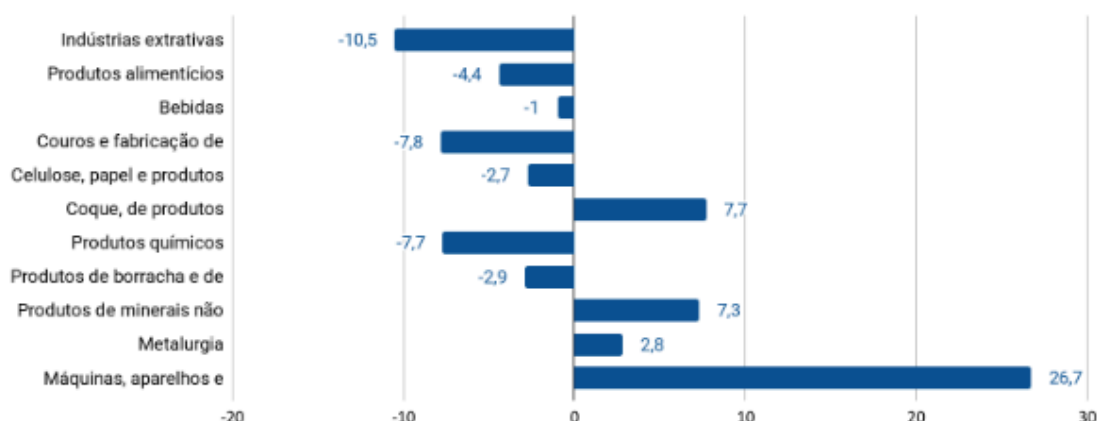
Entre as variações positivas, destaca-se o setor de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, com uma variação positiva de 26,7%, impulsionado principalmente pela maior produção de eletrodomésticos. Ainda que o número-índice mostre oscilações — com pico em janeiro (124,1) e recuo até junho (84,3) —, o acumulado reflete níveis de produção superiores aos de 2024, indicando forte desempenho no primeiro semestre do ano.

O setor de Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis apresentou um crescimento acumulado de 7,7% no semestre, impulsionado pelo maior processamento de óleo diesel, óleo combustível, nafta e querosene de aviação.

O segmento de Produtos de minerais não metálicos variou positivamente 7,3% em razão, principalmente, da fabricação de massa de concreto e outros insumos para a construção civil. Esse desempenho reflete o aquecimento do setor da construção, que cresceu 6,8% no primeiro trimestre de 2025 em comparação com o mesmo período do ano anterior, impulsionado especialmente pelos empreendimentos imobiliários subsidiados pelo governo federal, que apresenta expectativas de uma maior contribuição a partir das medidas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

A Metalurgia também apresentou avanço (2,8%), sustentado pela elevação na produção de ferrocromo, arames e fios de aço ao carbono. Apesar da leve oscilação dos índices mensais, o setor mantém-se relativamente estável.

PIM - Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior (jan-jun. 2025)



Fonte: IBGE

Por outro lado, a Indústria Extrativa apresentou a maior retração do período, com queda de 10,5%, acompanhando o comportamento dos índices mensais, que permaneceram bem abaixo da base de 2022 (variando entre 63 e 76 pontos), influenciada principalmente pela redução na produção de gás natural e de minérios de cobre bruto.

Em seguida, destacou-se o setor de Couros e Fabricação de Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados, que registrou variação negativa de 7,8%, movimento compatível com o declínio expressivo dos índices mensais, que recuaram de 86,3 em janeiro para apenas 55,1 em junho, como reflexo, principalmente, da diminuição na produção de couros e calçados sintéticos.

O segmento de Produtos Químicos também apresentou queda de 7,7%, decorrente da menor fabricação de bens químicos de uso industrial e do desempenho desfavorável do comércio externo.

Já o setor de Celulose e Papel recuou 2,7%, acompanhando a instabilidade vista nos índices mensais — com forte recuo em fevereiro (74,1) e recuperação parcial nos meses seguintes. O desempenho foi resultado da redução temporária na produção de celulose em função de uma parada geral programada para manutenção em uma das unidades produtoras do estado no primeiro semestre.

Mês	Indústrias extrativas	Produtos alimentícios	Bebidas	Couro, artigos para viagem e calçados	Celulose, papel e produtos de papel	Derivados do petróleo e de biocombustíveis	Produtos químicos	Borracha e de material plástico	Metalurgia	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos
jan. 2025	76,87	100,78	117,72	86,35	103,07	116,83	86,83	109,83	87,56	124,14
fev. 2025	63,37	93,79	103,62	91,93	74,15	103,78	84,44	103,30	80,49	111,12
mar. 2025	66,76	107,69	105,80	91,94	104,10	121,92	90,65	106,37	89,08	118,98
abr. 2025	65,20	103,14	93,92	86,26	102,80	109,53	81,06	99,79	84,65	114,66
mai. 2025	71,17	110,40	100,21	92,82	92,10	110,35	87,18	91,90	88,31	118,90
jun. 2025	70,46	114,68	97,82	55,13	96,64	113,38	90,97	93,09	82,47	84,26

PIMPF - Número índice (2022=100)

Fonte: IBGE

Referências Bibliográficas:

IIBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/industria/9294-pesquisa-industrial-mensal-producao-fisica-brasil.html>

SEI. Superintendencia de Estudos Economicos e Sociais da Bahia. Disponível em: <https://sei.ba.gov.br/index.php?lang=pt>.

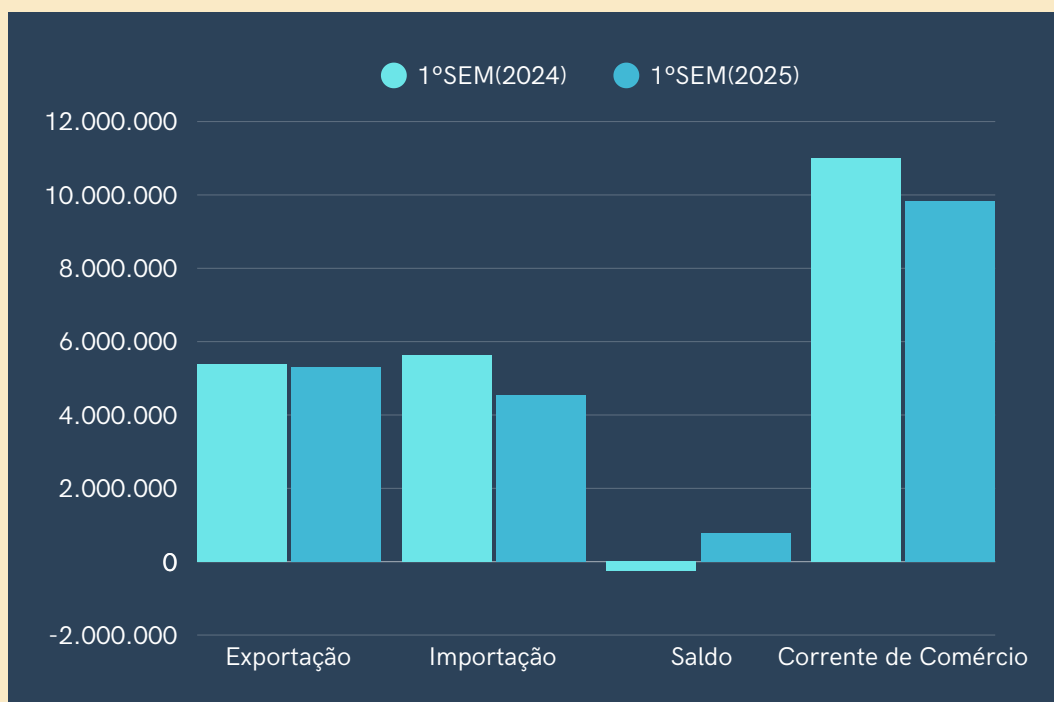
5 Comércio Exterior

Comércio Exterior| Bruno Moura e Douglas Mota

Balança comercial Bahia Brasil :

Na comparação entre o primeiro semestre de 2025 e o mesmo período de 2024, a balança comercial da Bahia apresentou uma queda de 1,36% nas exportações, enquanto as importações registraram uma queda de 19,44%. Surpreendentemente, 2025 registrou um superávit de US 770.014, ao contrário do que aconteceu no semestre do ano passado, em que os níveis de importações foram maiores do que os de exportações, um saldo negativo de US\$ 249.470, representando uma variação positiva de 408%. Essa performance contrasta com o cenário nacional, uma vez que a balança comercial do Brasil, durante esse período, importou mais do que exportou, um saldo negativo no primeiro semestre de 2025 de 64 milhões de dólares, 13 milhões a mais do que o primeiro semestre de 2024.

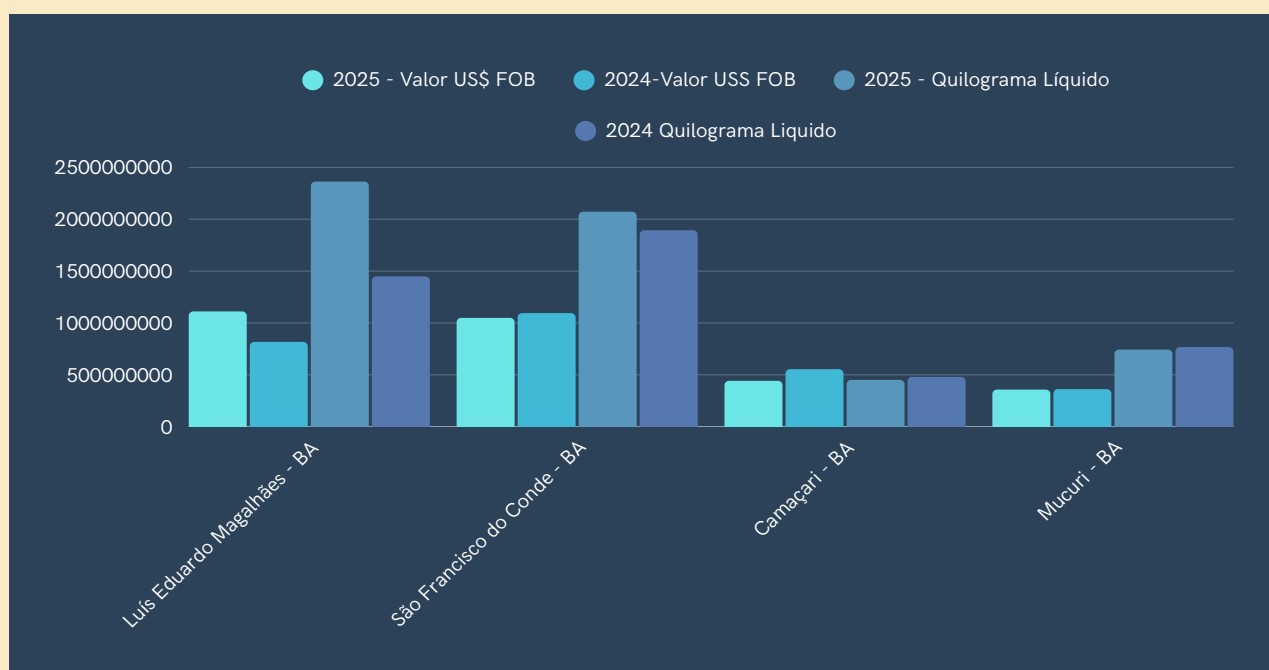
Neste cenário, mesmo com queda nas exportações, o Estado da Bahia posicionou-se como o 9º maior exportador do Brasil, 7 posições à frente ao comparar com o primeiro semestre de 2024. Nas importações, com a queda abrupta nos primeiros seis meses de 2025 comparado a 2024, a Bahia posicionou-se em 10º lugar entre os maiores importadores brasileiros, duas posições a menos do que se posicionou no semestre de 2024. Destaca-se portanto, neste período, mesmo as exportações sofrendo uma queda, a exportação dos produtos baianos tiveram evolução na importância do cenário internacional.

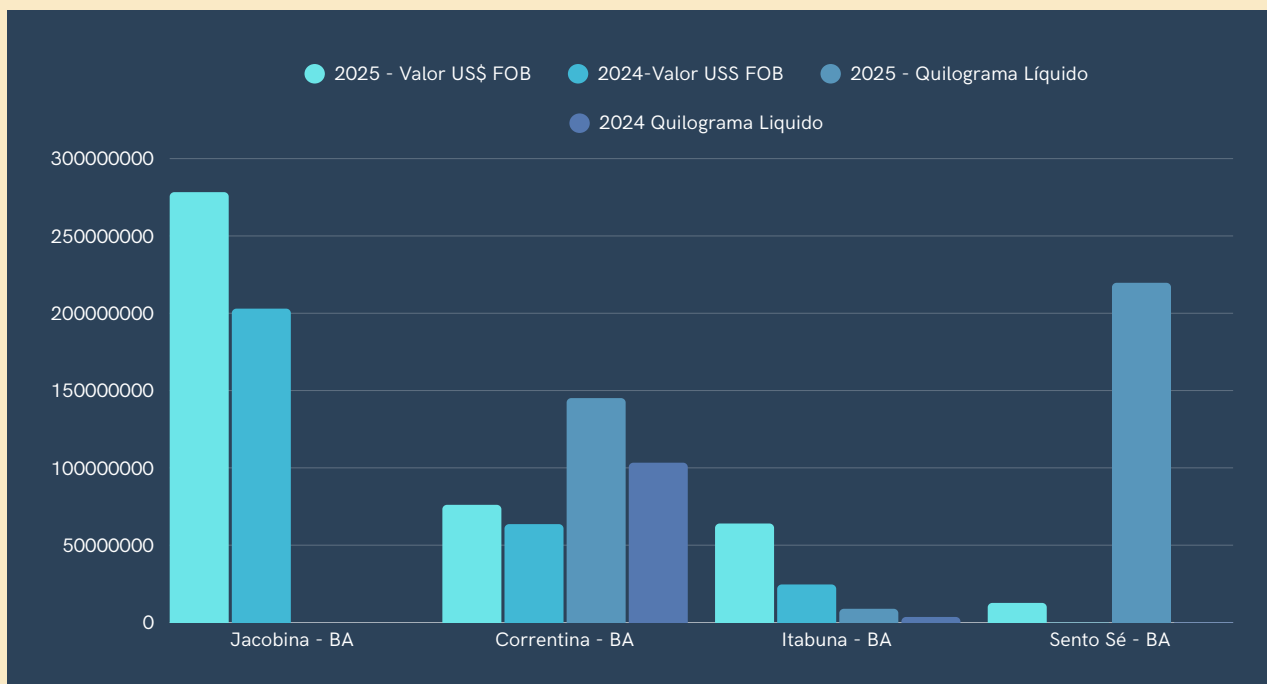


Exportação por município:

Analisando as exportações por município no estado da Bahia no primeiro semestre de 2025 comparado com o semestre de 2024, destaca-se a permanência dos quatro principais municípios exportadores: Luís Eduardo Magalhães, São Francisco do Conde, Camaçari e Mucuri. Estes quatro, tiveram variações ao comparar os dois semestres, sendo que somente Luís Eduardo Magalhães variou positivamente, aumentando suas exportações em comparação ao primeiro semestre de 2024 em 35,9%; as outras localidades apresentaram leves recuos. Os quatro municípios representam exatamente 55,33% do total exportado no ano de 2025, 0,7% a mais do que no semestre do ano passado, demonstrando que estes quatro municípios juntos são essenciais para as exportações do Estado.

Vale o destaque aos municípios de Jacobina, Correntina, Itabuna, Sento Sé, todos com elevações muito expressivas, por diferentes motivos: Jacobina, após a aquisição da Yamana Gold pela Pan American Silver, em 2023, as minas subterrâneas de ouro se tornaram o ativo crucial e vem a cada ano aumentando a exploração. Segundo o Serviço Geológico do Brasil (SGB), utilizando o Mapa de Favorabilidade para Ouro Orogênico: Serra de Jacobina (BA), mostra que as minas de ouro que já estão sendo utilizadas na serra de Jacobina, estão numa vasta área de alta favorabilidade de encontrar mais ouro, ou seja, com mais tecnologia e maior crucialidade na extração e maior demanda no mercado tecnológico, a expectativa é de aumento nas exportações, como está acontecendo desde 2023 pra cá; Correntina tendo um aumento na produção de soja e algodão; Itabuna manteve os níveis de exportação, mas teve um grande destaque para a manteiga de cacau e a pasta de cacau demandada pela Argentina; E por último o município de Sento Sé, que houve grande aumento do valor e do quilograma exportado, devido a exploração de quartzo mas principalmente do minério de ferro, extração impulsionada pelo contrato feito no início de 2024 com a Eco Mining Oil & Gaz Drilling and Exploration Eirel para a exploração, que está sendo muito questionado por afetar as vidas das comunidades rurais da região.





Fonte: SEI

Principais Produtos Exportados :

Examinando os produtos exportados do estado da Bahia, um dos principais motivos para a queda do valor exportado é o mau desempenho da Indústria (-11,8%). Os principais setores da indústria, analisando os dois principais da pauta exportadora: o setor de Petróleo e derivados, teve uma queda de 24,85% em comparação com o primeiro semestre de 2024, sendo o principal produto deste setor, o Óleo de petróleo ou minerais betuminosos (refinados, não brutos); Seguindo a mesma premissa, o setor petroquímico, com queda de 26,26% no setor, os dois, perdendo tanto em valor quanto volume exportado. Os motivos da retração vêm, principalmente, da queda nos preços de commodities, o petróleo (que caiu de US \$69,52 para US \$69,28 por barril), a redução da demanda externa e o aumento da concorrência por parte do setor químico.

O setor agropecuário apresenta grande vulnerabilidade relacionada aos preços internacionais das commodities. Houve uma retração dos preços das commodities que, conseqüentemente, retraiu o valor exportado, com exceção do café e do cacau e seus derivados, os quais conseguiram ser exceções.

Discorrendo sobre o principal produto na pauta de exportação, a soja, produção liderada pelo município de Luís Eduardo Magalhães, mesmo tendo uma boa safra, e o volume exportado ter sido maior do que comparado com o primeiro semestre de 2024, não foi suficiente para compensar a queda no preço da commodity, recuando 2,3% em valor exportado.

O papel e a celulose, o terceiro principal produto exportado, mesmo em um semestre de 2025 marcado por incertezas no mercado global, demonstrou estabilidade no volume exportado (+1,21%), mas registrou uma queda de 3,36% no valor exportado.

O Cacau e derivados, se mantiveram em alta, muito devido à sustentação dos preços das commodities devido a uma oferta que não corresponde à demanda internacional. De acordo com a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, a mudança climática é um dos fatores que causam o aumento dos preços do cacau, estações secas prolongadas, chuvas reduzidas, temperaturas extremas e o surgimento de novas pragas e doenças podem reduzir tanto a produção quanto a qualidade do cacau,

O café passa por uma dinâmica semelhante: manteve-se em alta sustentado por preços altos dessa commodity, a produção cai devido a condições climáticas que dificultam o cultivo e a demanda do mercado à procura por produtos premium e de alta qualidade com maior valor agregado, demanda que também atinge o setor cacauzeiro.

O milho apresenta uma notável tendência de crescimento, confirmada pelo expressivo aumento nas exportações da Bahia. Mesmo não tendo o mesmo impacto e volume da soja e algodão, no primeiro semestre de 2025, o valor exportado de milho e seus derivados saltou 257,3%, atingindo US\$19,8 milhões em comparação com US\$5,5 milhões do mesmo período em 2024. Esse resultado foi impulsionado por um crescimento de 272,7% no volume exportado. Esse forte desempenho exportador reflete o cenário positivo da produção interna. A colheita do milho avança em ritmo acelerado na maioria dos pólos produtivos. Apesar de desafios pontuais no campo, como anomalias fitossanitárias e condições climáticas desfavoráveis, a resiliência das lavouras mantém as projeções para a safra 2024/25 otimistas, sustentando a perspectiva de crescimento para o grão.

Além do aumento na produção de soja, destaca-se também o algodão. O algodão está previsto para produzir um volume 5,4% maior do que em 2024, cerca de 1.865.025 toneladas. A Bahia é o segundo maior produtor nacional de algodão, ficando atrás somente de Mato Grosso. Segundo dados divulgados pela Aiba no Boletim de Safra de 21 de julho de 2025, a safra 2024/25 registrou um crescimento expressivo de 20% na área plantada em relação ao ciclo anterior. O aumento da área e os investimentos em tecnologia colocam o estado entre os principais polos cotonicultores do país. Esse avanço é reflexo da combinação entre condições climáticas favoráveis, manejo eficiente e o uso de sementes de alto desempenho. A produção de algodão concentra-se nos municípios de Luís Eduardo Magalhães, Brumado e São Desidério.

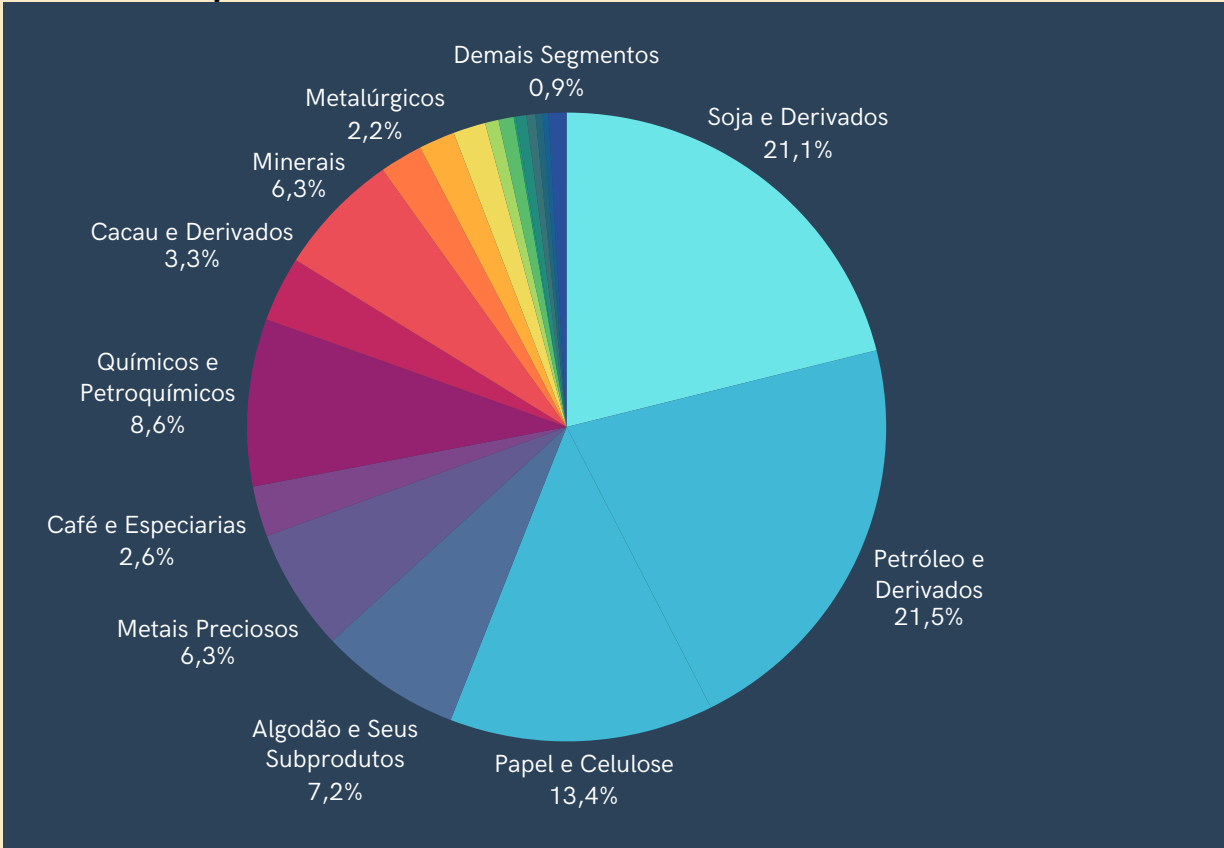
O milho apresenta uma notável tendência de crescimento, confirmada pelo expressivo aumento nas exportações da Bahia. Mesmo não tendo o mesmo impacto e volume da soja e algodão, no primeiro semestre de 2025, o valor exportado de milho e seus derivados saltou 257,3%, atingindo US\$19,8 milhões em comparação com US\$5,5 milhões do mesmo período em 2024. Esse resultado foi impulsionado por um crescimento de 272,7% no volume exportado. Esse forte desempenho exportador reflete o cenário positivo da produção interna.

Metais preciosos, metalúrgicos e minerais foram segmentos importantes na pauta exportadora. O ouro, por exemplo, é não só importante para a Bahia que está exportando, mas para o cenário global, a demanda global de data centers por chips, processadores e a inteligência artificial, um dos principais produtos do cenário mundial, está em alta. E o ouro é a chave principal, devido às suas propriedades físicas e químicas de alta condutividade, maleabilidade e durabilidade, para a produtividade deste pilar da tecnologia moderna.

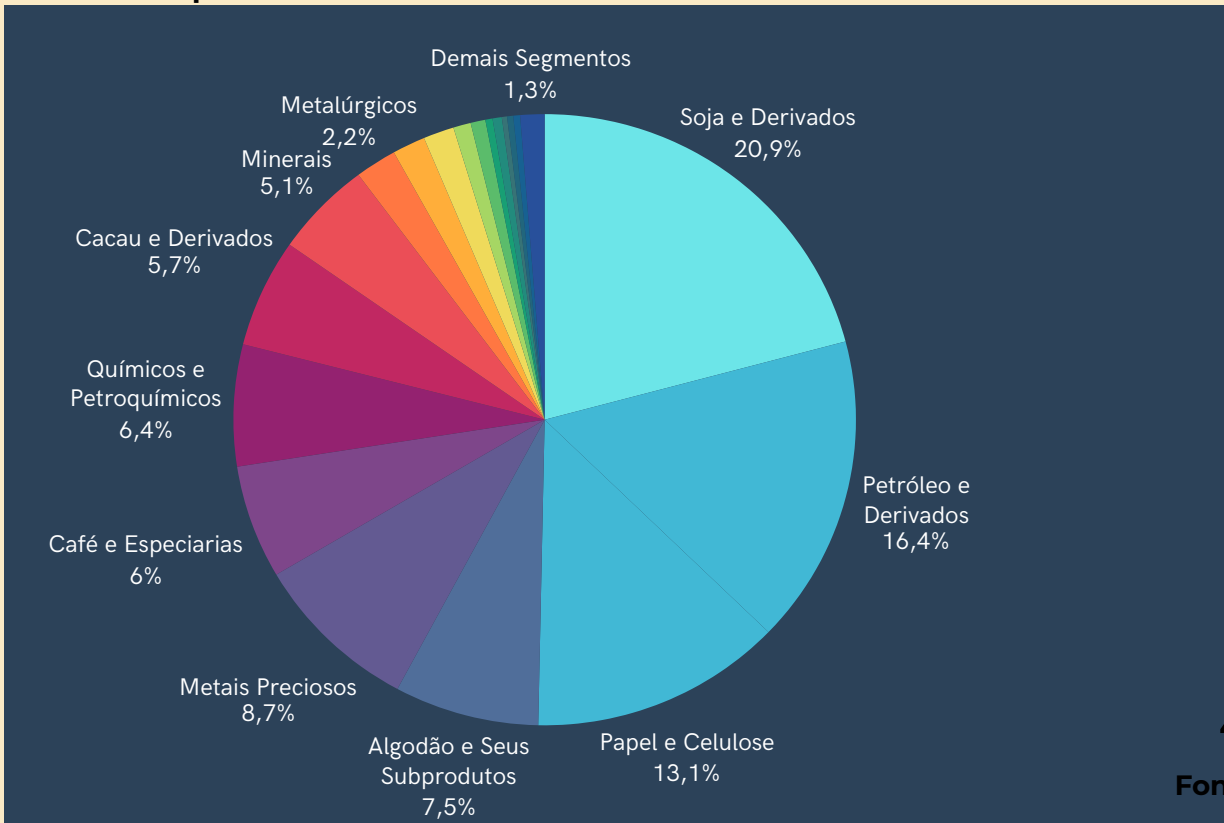
Além de que o ouro, com o cenário global instável e incerto, se torna o porto seguro, um ativo de segurança para aumentar a reserva nacional de um país, com o intuito de garantir a estabilidade econômica e a liquidez. Não à toa o destaque dado para o município de Jacobina, o ouro teve um aumento de 36,82% nos valores exportados dos metais preciosos, resultando em um crescimento de 2% na participação do ouro sobre o valor total exportado pelo estado. Os minerais e os metalúrgicos também terão destaque, uma vez que para conter a incerteza global criada, e as tarifas impostas, pelos EUA, mesmo com o aumento significativo de 20,87% (metalúrgico) e 16,22% (minerais) no volume exportado, não foi suficiente para compensar a queda do valor exportado: -20,87% (minerais) e -2,20% (metalúrgico). Isso explica a expansão do município de Sento Sé, na produção do minério de ferro.

No entanto, é importante destacar os relatos dos impactos da mineração de ferro na Serra da Bicuda, em Sento Sé, Bahia, sobre comunidades que já haviam sido deslocadas pela construção da hidrelétrica de Sobradinho há 40 anos. A mineradora australiana Tombador Iron iniciou suas atividades em 2020, afetando 12 comunidades que dependem da serra para a criação de animais e abastecimento de água. A comunidade agrária sofre também com a forte e incessante poeira, que futuramente, pode ter impacto real nas vidas dessas pessoas.

Produtos: Valor Exportado(US\$) 2024



Produto:Valor Exportado(US\$) 2025



Países e Blocos:

Há mais de uma década, a China é o principal comprador dos produtos baianos, e neste ano de 2025 e no semestre de análise, continua mantendo o mesmo padrão, com variação de aproximadamente -0,5% no valor exportado e +15% no volume (em kg). Essas variações devem-se principalmente ao principal produto exportado para a China, a soja, que sofreu queda no seu preço no cenário internacional, mas com uma safra de extrema produtividade, contribuiu para a variação positiva do volume exportado, sendo o principal produto importado pela China seguido pela pasta química de madeira. A surpresa em relação ao semestre passado foi o minério de cobre e seus concentrados, que ocupou em valor exportado o 4º lugar no ranking dos produtos exportados ao país, o que se deve à demanda chinesa em cobre para realizar a transição energética, na produção de: veículos elétricos, energia solar, turbinas eólicas, e para a infraestrutura de metrô, estradas e as redes de eletricidade, sendo o principal município produtor do cobre, o quarto maior produtor de cobre do país, o município baiano de Jaguarari.

Singapura, o segundo país que mais importa da Bahia, tendo como principal e quase exclusivo produto de importação o óleo de petróleo ou minerais betuminosos, porque o país tem um dos mais movimentados portos do mundo, sendo um grande centro logístico. Logo, o óleo é essencial para servir de combustível. Além disso, como Singapura não possui recursos naturais próprios, o país desenvolveu uma grande infraestrutura avançada para refino e distribuição de combustível fóssil. A variação de -9,8% em valor e +20% em volume para este país deve-se à queda do preço do barril do petróleo, mesmo com o aumento de produção em relação ao semestre do ano passado.

Seguindo o mesmo padrão, Canadá e Estados Unidos seguem o padrão de indicadores positivos e negativos em relação a valor e volume exportado. No caso do Canadá, houve uma diminuição de 1% no volume exportado, sendo não tão significativo, porém, houve um aumento expressivo de 35% no valor exportado. O principal fator desse aumento foi a valorização do preço internacional do ouro (o principal produto exportado ao Canadá). Os Estados Unidos, por outro lado, teve aumento no volume exportado 17%, porém o valor exportado caiu em 3,8%, muito devido a queda do preço dos produtos derivados do petróleo e químicos, além da influência das incertezas do tarifaço.

Destaques completamente negativos, tanto em valor quanto em volume exportado, para: Espanha, Alemanha e Emirados Árabes Unidos. A Espanha teve queda muito notável, 33% no valor e 25% em volume exportado, principalmente pela queda da indústria petroquímica na Bahia, todos os produtos caíram em relação ao primeiro semestre do ano passado: minério de cobre, óleo de petróleo e minerais betuminosos, e produtos químicos. A Alemanha teve quedas não tão abruptas, mas: o café, a pasta química, sólidos da extração de soja, tiveram quedas tanto no valor exportado. Nos Emirados Árabes Unidos houve uma queda abrupta da compra dos produtos baianos em 92% em valor e 98% em quilograma. O motivo é muito simples: O EAU cortou as importações de óleo de petróleo e minerais betuminosos, que era o principal produto exportado, e realocou a maior parte das importações deste produto para o estado de São Paulo e para o Rio de Janeiro, além de outros produtos que o EAU importava, como o Álcool etílico, que parte desta importação foi destinada também ao estado paulista.

Porém, a produção da tâmara será o principal produto a ser exportado aos EAU. A Bahia está prestes a se tornar um novo pólo produtor de tâmaras no Brasil. Em parceria com os Emirados Árabes Unidos, a Secretaria da Agricultura do Estado (Seagri) e a Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab) avançam na implantação de um projeto inédito no semiárido baiano, com investimento previsto de US\$4 milhões ao longo de cinco anos. O acordo, firmado com a Fundação Zayed e a empresa Al Foah Company, prevê plantio inicial de 10 mil mudas, transferência de tecnologia, capacitação de agricultores e assistência técnica especializada. A formalização da parceria deve ocorrer durante a COP 30, em novembro, em Belém (PA).

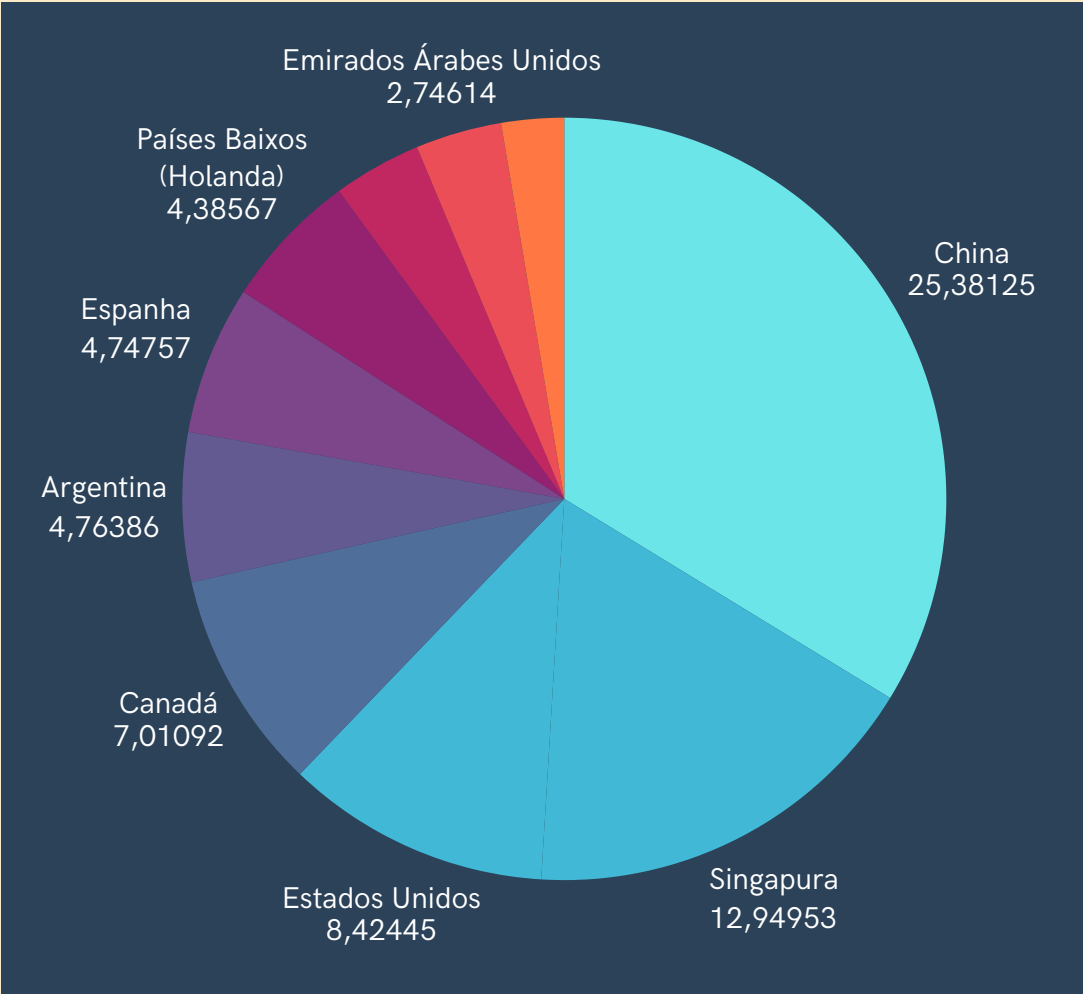
Destaques positivos para Argentina, Holanda, França, Vietnã e Paquistão. Seguindo respectivamente os países, a Argentina demandou muito da Bahia a manteiga, gordura e o óleo proveniente do cacau, mais que dobrou o valor exportado acumulado destes produtos. A explicação vem devido a valorização do Cacau no mercado internacional, como já foi citado no texto acima. Houve a participação também do aumento exportado do óleo de petróleo em cerca de 82% em Valor e 52% em volume, o que contribuiu para o aumento da importação dos produtos baianos pela Argentina em 30% no valor e 13% no volume exportado. A Holanda, por sua vez, o 7º país que mais importou produtos da Bahia no primeiro semestre em 2025, uma posição a mais que o ano do primeiro semestre passado, teve uma variação positiva pequena em relação ao valor, cerca de 1%, mas aumentou 54% no volume exportado. Deve-se ao principal produto exportado para a Holanda, neste período, ter sido a soja, ao contrário de 2024, em que era a Manteiga e derivado de Cacau. Com a queda no valor da soja, o grande volume exportado aos países baixos conseguiu compensar a queda no valor da commodity e ajudar a gerar uma variação positiva no valor da pauta exportadora da Bahia.

A França, décima principal parceira comercial da Bahia, teve a segunda maior variação positiva entre os países que comprem os produtos baianos. O aumento foi puxado pelo aumento dos resíduos sólidos de extração de soja (o principal produto exportado), o aumento das Pastas químicas de madeira, que passou a ser o segundo produto mais exportado, ante a 6ª posição que ocupava no mesmo período, e a introdução, devido a diminuição da oferta global e a busca por outros mercados, da importação por parte da França do café baiano. O valor das exportações para a França aumentou 83%, enquanto o volume cresceu 109%.

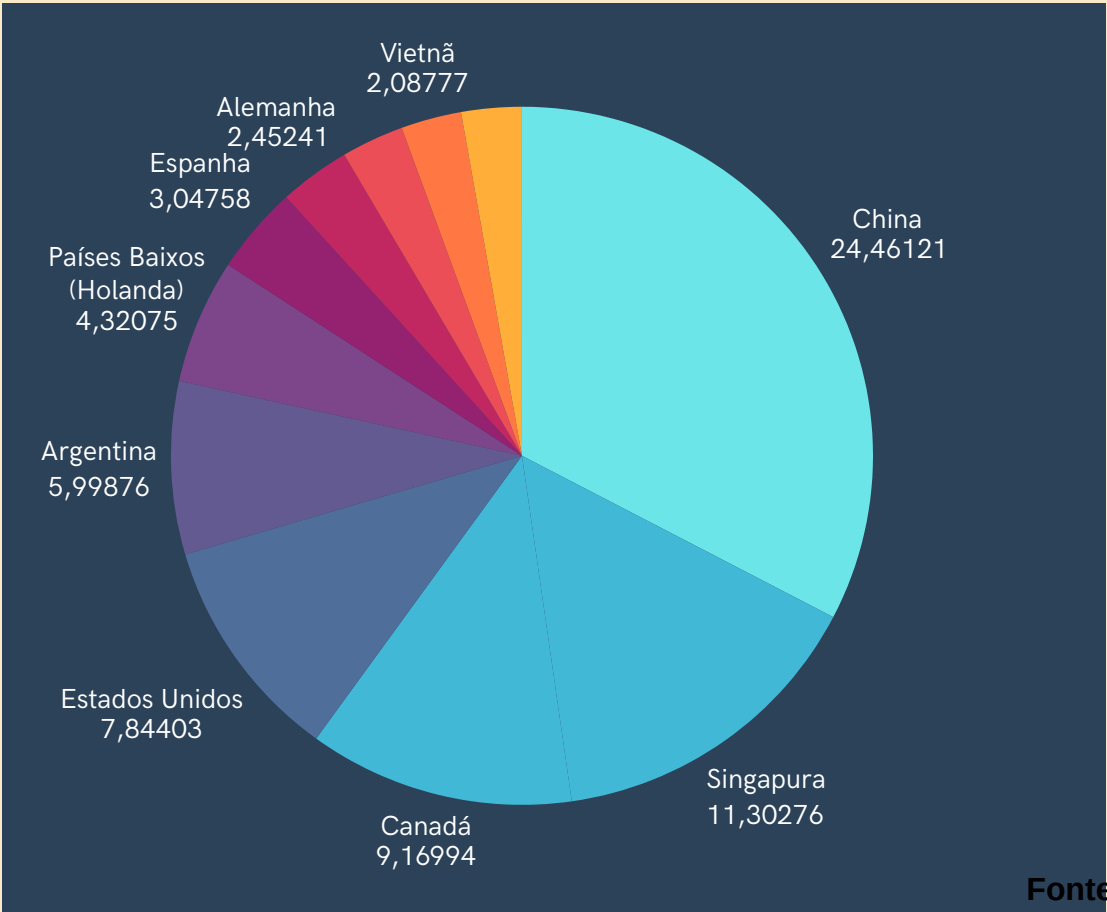
No Sudeste Asiático, o Vietnã, que foi o 16º colocado no primeiro semestre de 2024, avançou 5 posições no primeiro semestre de 2025, com uma variação de 53% no valor e 98% no volume. O principal produto importado por este país é a soja e o algodão, principalmente o algodão pelo Vietnã ser o terceiro maior mercado de vestuário do mundo, ficando atrás somente de China e Bangladesh. Logo, com o aumento da área plantada e projeções do aumento exportado do algodão, o aumento era natural e previsto.

Outro grande consumidor que se beneficiou foi o Paquistão, principal destino do algodão baiano, que, ao contrário do Vietnã que ainda consome outros produtos que a Bahia produz como soja em grandes quantidades, pimenta e o café, o Paquistão importa, majoritariamente, algodão. Ao contrário do primeiro semestre do ano passado, em que o Paquistão só consumia somente Algodão, neste ano, diversificou mais sua pauta e importou da Bahia também soja, cravo da Índia, pimenta e álcoois, o que contribuiu com o aumento exorbitante de 369% em valor exportado e 489% em volume. Por esta diversificação, o Paquistão saltou do 33º lugar para o décimo segundo maior comprador dos produtos baianos.

10 Países Valor Exportado(US\$) 2024 em Porcentagem



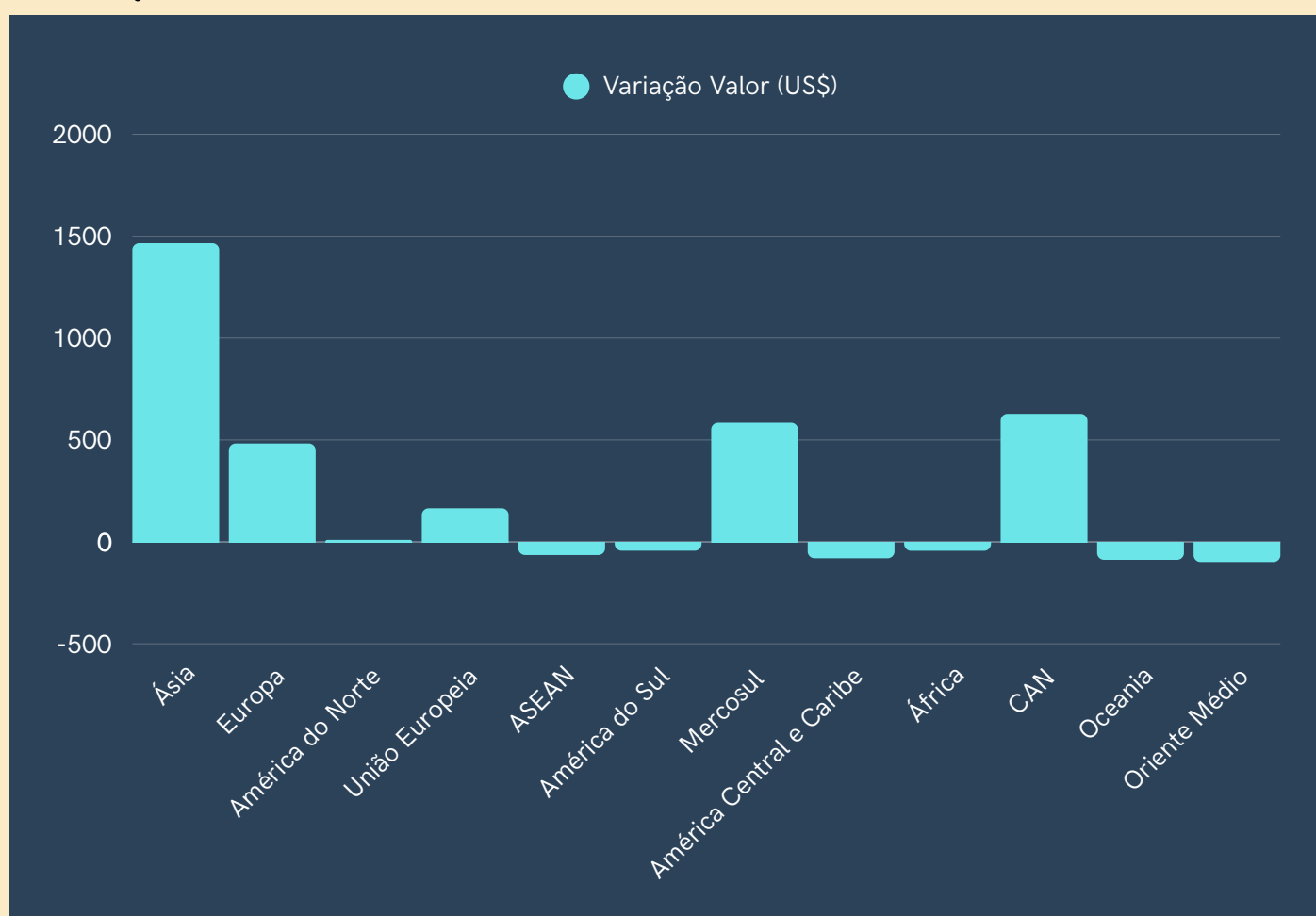
10 Países Valor Exportado(US\$) 2025 em Porcentagem



Blocos Econômicos:

Portanto, ao analisar alguns países espalhados por todo o globo, conseguimos identificar as variações referentes aos blocos econômicos. A Ásia é o principal bloco econômico parceiro, que além de incluir países como Vietnã, Singapura e Paquistão, têm a China como grande potência, que tem grande impacto no bloco econômico. E teve variações positivas no bloco tanto em valor quanto no volume exportado. A Europa também apresentou uma tendência positiva e também houve positividade nos números bastante relevantes. A Bahia conseguiu um mercado de grande importância, com uma variação de 482% no valor exportado e 523% no volume. E claro, a União Europeia acompanha essa crescente. América do Norte e o Mercosul também tiveram impactos positivos, todos crescendo nos dois quesitos das exportações também, sendo Canadá, EUA e Argentina os países principais do continente americano na pauta exportadora da Bahia. Os blocos de menor relevância (África e Oceania) tiveram variações negativas, a África no valor exportado e a Oceania tanto no valor quanto no volume.

Exportação aos Blocos Econômicos:



Fonte: Comex Stat

Tarifaço :

Esta seção do relatório aborda o impacto do "tarifaço" global imposto pelo atual presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, e qual seria o impacto dessa tarifa no estado da Bahia, utilizando primeiro uma linha do tempo para contextualizar a sucessão dos acontecimentos. Em 20 de janeiro deste ano, Donald Trump toma posse como presidente dos EUA. No dia 2 de abril, ele anunciou tarifas de importação para 180 países, e para o Brasil especificamente: 25% aços e alumínio e 10% para todos os demais. Essas tarifas são, essencialmente, impostos cobrados sobre produtos que cruzam fronteiras internacionais, seja na importação ou na exportação. Ou seja, para a empresa norte-americana que está importando um produto baiano, ficará mais caro; enquanto para o exportador do produto baiano, mesmo sem pagar a tarifa diretamente, ele será prejudicado pela falta de competitividade de seu produto no mercado estrangeiro e, conseqüentemente, pela queda de suas vendas devido ao preço elevado.

No dia 4 de junho, ele dobra a tarifa de importação para Aços e Alumínios, de 25% para 50%, mesmo que o Brasil seja o segundo maior fornecedor de aço para os EUA, perdendo somente para o Canadá. E o aço é um dos materiais mais fundamentais e versáteis para a economia global, sendo essencial para a produção de todo o maquinário e os equipamentos para a imensa maioria dos setores na economia. Um mês se passa e as tarifas passam a ser usadas como instrumento de interferência na soberania nacional: em 9 de julho, Trump envia carta ao chefe de estado brasileiro, anunciando 50% de tarifa ao Brasil, acusa o STF de censura e violação à liberdade de expressão, além de se posicionar sobre o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro. E um dado importante é que o Brasil, desde 2009, importa mais dos EUA do que exporta.

Embora este plano americano possa não parecer bem-sucedido à primeira vista, ele possui um objetivo claro: destruir a ordem econômica mundial que existe hoje, já que os EUA estão perdendo na disputa da hegemonia atual, para depois, talvez, emergirem em uma posição hegemônica melhor. Este caos que Trump está gerando, essa guerra tarifária, e as guerras em geral têm como objetivo, justamente, desestabilizar a ordem econômica vigente e impor suas vontades. A força do dólar tornou os Estados Unidos o centro do capitalismo financeiro global, mas ao custo de sua própria base industrial. Para que o dólar seja a moeda mundial, os EUA precisam inundar o planeta com ele, o que significa importar muito mais do que exportam e, assim, acumular déficits comerciais massivos. Em troca desses dólares, o resto do mundo financia os gastos do governo e o alto padrão de vida americano ao comprar títulos do Tesouro Americano. O preço pago por essa vantagem financeira foi o sacrifício da indústria nacional, que não conseguiu competir com os produtos importados mais baratos.

E assim, conseqüentemente, com as tarifas e essas barreiras protecionistas, ele estaria forçando a manutenção da hegemonia do dólar, usando como arma o enfraquecimento do multilateralismo para impor as suas vontades.

A política parece desconsiderar é que agora, diferente do período de reorganização mundial pós-Segunda Guerra, onde os EUA se tornaram a principal potência e o país financiador do mundo, os países, atualmente, não estão destruídos e desindustrializados, e agora, o mundo vai se organizar com outros parceiros mundiais sem os Estados Unidos, mesmo que nesta exclusão haja grandes impactos.

Os impactos deste cenário global conturbado para a Bahia, seguindo esta linha do tempo, vieram com um recuo significativo nas exportações do estado nos primeiros dois meses. A retração foi movida principalmente pela indústria baiana. Setores que são pilares para o estado, como o químico e o metalúrgico, sentiram o impacto, mas o principal está, sem dúvida, no setor de petróleo e derivados. Isso resultou em uma queda de mais de 80% nas vendas em apenas no mês de maio e queda de 21% no mês de junho. Não só perdendo em receita, mas também em volume.

Com um mercado global operando por meio de incertezas, receoso de que haja um excesso de oferta de petróleo e, ao mesmo tempo, incerto sobre a força da demanda mundial, o preço despencou, e o faturamento total caiu 10% em maio, o que resultou na perda de quase 25% da receita em junho. E essa onda de instabilidade não só se limitou ao petróleo. Ela se espalhou e atingiu pilares importantes: a celulose interrompeu as sequências de ciclos positivos nos preços, mas se manteve estável e procurou outros mercados para garantir a saúde da sua indústria; a indústria química luta agora com a falta de demanda externa e forte concorrência. Com as tarifas impostas por Trump, que criaram um cenário de incerteza tão grande que os principais compradores, os Estados Unidos e a China, reduziram suas importações. Essa decisão foi suficiente para frear a demanda, reverter a alta de preços e frear o crescimento, afetando a renda e a criação de empregos.

Na economia baiana, embora os Estados Unidos não sejam o maior comprador em volume, esse posto é da China há mais de uma década, eles são um parceiro estratégico fundamental. Além do fato de que a Bahia é um grande importador dos EUA (Óleos brutos de petróleo, óleos combustíveis de petróleo e fertilizantes). E aqui está o ponto crucial: o que a Bahia vende para os Estados Unidos é diferente. Enquanto para a China se exporta mais matéria-prima, commodities para o mercado americano vendem-se produtos de maior valor agregado, mais elaborados. Vendem-se celulose, químicos, derivados de cacau, pneumáticos, produtos que sustentam uma cadeia industrial mais complexa e que geram mais empregos de qualidade.

Porém, em julho, ao oficializar essa tarifa de 50% e uma lista de exceções nos produtos que não seriam taxados, celulose e derivados de petróleo, que são gigantes na pauta baiana, ficaram de fora. Isso amortece o golpe de uma maneira geral, mas, na prática, a lista de exceções protegeu apenas um terço dos produtos que a Bahia vende para eles. As listas de exceções atingiram apenas 33% dos produtos que a Bahia exporta para os EUA.

E é aqui que a situação se torna grave. A situação é especialmente grave para a fruticultura do Vale do São Francisco, cujos produtores dependem do mercado americano para escoar quase um terço da produção de manga, e a ausência na lista de exceções pode significar perdas devastadoras. Isso também afetou a cadeia do cacau, que envolve mais de 40 mil trabalhadores em 17 municípios.

A Bahia consegue, a partir de seus outros parceiros comerciais, sustentar algumas lacunas importantes. Houve meios para que isto acontecesse: primeiro, muitos dos setores anteciparam suas exportações antes que se concretizasse o tarifaço no dia 6 de agosto. Celulose, Produtos químicos/petroquímicos, Pneumáticos, Frutas e suas preparações, Café e especiarias, Sisal e derivados. No entanto, produtos importantes como o cacau e o petróleo não conseguiram mitigar os efeitos. O Estado Brasileiro, a fim de também ajudar a encontrar soluções, implementou um pacote de crédito extraordinário de R\$ 30 bilhões para o Fundo de Garantia à Exportação (FGE) e a prorrogação da suspensão de tributos para exportadoras e aumento na restituição de tributos federais (Reintegra).

E para adicionar mais uma camada de complexidade, as importações da Bahia também estão na contramão do Brasil. Enquanto o país compra mais, a Bahia está comprando menos, principalmente por uma queda drástica na importação de combustíveis. Além disso, o volume exportado aos EUA não está em queda: em setembro o volume exportado aumentou em 38,3%, mesmo que isto não se refletisse no aumento nas receitas.

Em suma, a análise do "tarifaço" americano revela um impacto assimétrico e complexo sobre a economia baiana. Os setores que não se beneficiam das isenções tarifárias foram os mais diretamente prejudicados, com destaque para as cadeias de cacau e derivados, calçados, produtos metalúrgicos e máquinas e aparelhos mecânicos, que registraram quedas expressivas no volume de exportações para os EUA. O setor de petróleo e derivados também sofreu um forte abalo, com recuos acentuados nas vendas. Em contrapartida, a economia baiana demonstrou resiliência ao antecipar embarques em produtos como celulose e químicos e foi amparada por medidas governamentais de mitigação. O principal desafio, no entanto, persistiu na queda dos preços, que levou a um cenário contraditório de aumento no volume exportado, mas com redução na receita.

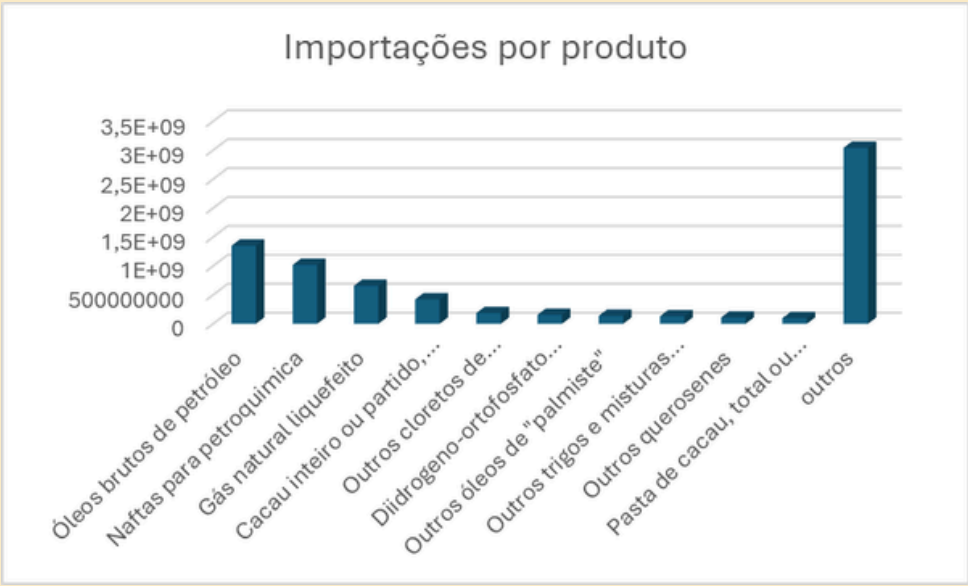
Importação:

No acumulado, até setembro, as importações baianas registraram US\$7,30 bilhões. Representando uma queda de 12,3% em comparação com o mesmo período de 2024. Em setembro alcançou US\$ 893, o que também representa uma queda em comparação ao ano anterior de 13,4%.

A queda das importações foi fortemente influenciada pelas compras de combustíveis que caíram 46%, o que, segundo a SEI, vai na contramão do esperado no início do ano e do cenário nacional. Os bens intermediários mantiveram um leve crescimento de 1,3%, “pela resiliência do consumo das famílias e pela apreciação do câmbio” (SEI). Por outro lado, as importações de bens de consumo cresceram 754,8% impulsionadas pela importação de veículos de passageiros.

Além disso, no primeiro semestre, houve um avanço no valor importado de bens de capital maior que nas demais categorias. O volume desembarcado aumentou em 6%, uma alta de 53% em valor e de **44,5% em preços**.

Importação por produto:



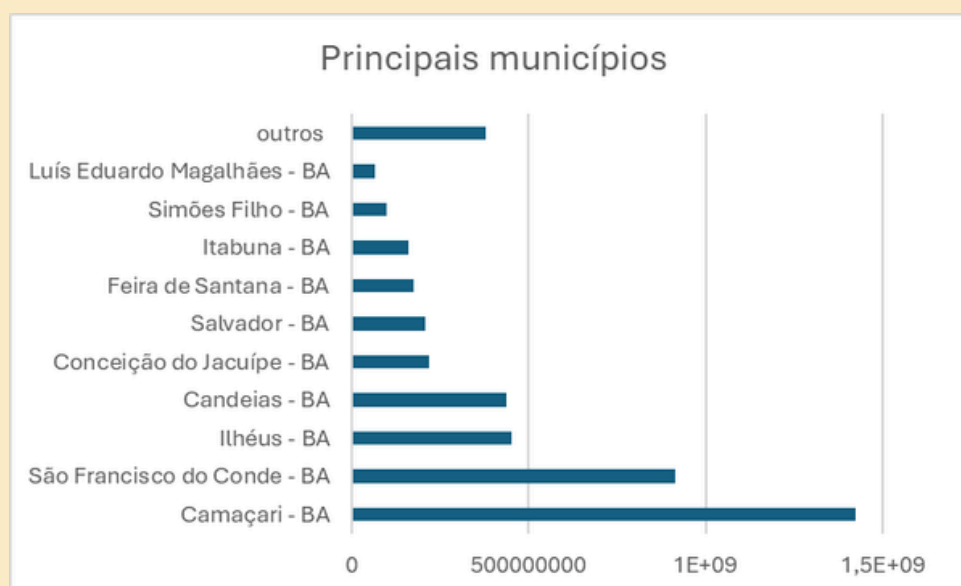
Os óleos brutos de petróleo, utilizados para produção de combustíveis, matéria-prima, asfalto e lubrificantes, seguem sendo o principal produto importado pela Bahia. Seguido pelas naftas para petroquímica utilizadas na produção de plásticos, solventes, borrachas sintéticas. O gás natural liquefeito utilizado no Transporte internacional de energia, Geração de energia elétrica, Combustível veicular e Abastecimento industrial e residencial ficou em terceiro lugar.

Cacau inteiro ou partido, em bruto ou torrado que é matéria-prima para a indústria alimentícia, uso na indústria cosmética e farmacêutica, comercialização e exportação ficou em quarto lugar. Em quinta colocação ficou os outros cloretos de potássio que são utilizados como fertilizantes agrícolas. Em sexto lugar ficou o Diidrogeno-ortofosfato de amônio (fosfato monoamônico ou monoamoniacal), mesmo misturado com hidrogeno-ortofosfato de diamônio (fosfato diamônico ou diamoniacal) que é um fertilizante agrícola, também usado nas formulações NPK, Indústria e outros usos.

O Diidrogeno-ortofosfato de amônio (fosfato monoamônico ou monoamoniacal), mesmo misturado com hidrogeno-ortofosfato de diamônio (fosfato diamônico ou diamoniacal) que é um fertilizante agrícola, também usado nas formulações NPK, Indústria e outros usos.

A sétima colocação ficou os outros óleos de "palmiste" que são usados na indústria alimentícia, Indústria cosmética e de higiene e Indústria química e de biocombustíveis. Os outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura - Indústria alimentícia, Rações animais, indústria de bebidas e fermentação ficaram em oitavo lugar. Em nono lugar ficaram os outros querosenes, usados como Combustível, Solvente e limpeza industrial, Matéria-prima química, Uso doméstico. Em decimo lugar ficou a Pasta de cacau, total ou parcialmente desengordurada usada na Indústria do chocolate, Produção de cacau em pó, Indústria cosmética e farmacêutica.

Principais municípios:



Camaçari segue sendo o município que mais importa. As importações do município são segmentadas da seguinte forma: produtos minerais, que são os principais produtos importados; indústrias químicas; máquinas e aparelhos elétricos; plásticos e borracha e gorduras e óleos vegetais/animais.

Em segundo lugar fica São Francisco do Conde, que importa principalmente produtos minerais, seguidos por máquinas e aparelhos elétricos; indústrias químicas; metais comuns e obras de pedra, cimento e similares.

Em terceira posição ficou Ilhéus. Importando indústrias alimentares e bebidas; máquina e aparelhos elétricos; plásticos e borracha e metais comuns.

Em quarta colocação ficou Candeias. O principal produto importado pelo município são as indústrias químicas, seguidas por máquinas e aparelhos elétricos; produtos minerais; metais comuns e plásticos e borracha.

Conceição do Jacuípe ficou em quinto lugar. Tendo importado, majoritariamente, produtos relacionados a indústrias químicas; máquinas e aparelhos elétricos; plásticos e borracha; instrumentos de ótica e precisão e metais comuns.

Em sexto lugar ficou Salvador. Tendo importado principalmente produtos do reino vegetal; produtos minerais, máquinas e aparelhos elétricos; indústrias químicas e instrumentos de ótica.

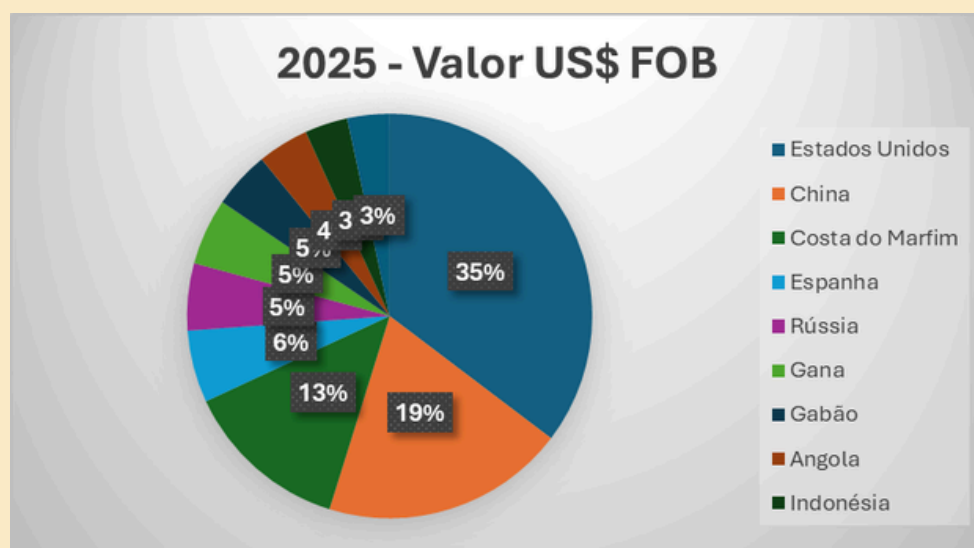
Feira de Santana ficou em sétimo lugar, tendo importado máquinas e aparelhos elétricos; plásticos e borracha; indústrias químicas; metais comuns e matérias têxteis.

O oitavo lugar ficou com Itabuna. O município importou principalmente produtos relacionados a indústrias alimentares e bebidas; máquinas e aparelhos elétricos; plásticos e borracha; matérias têxteis e instrumentos de ótica.

Simões Filho ficou em nono lugar. Tendo importado máquinas e aparelhos elétricos; plásticos e borracha; obras de pedra, cimento e similares; produtos do reino vegetal e indústrias químicas.

Por fim, em decima colocação, ficou Luís Eduardo Magalhães. Tendo importado produtos da indústria química, máquinas e aparelhos eletrônicos; material de transporte; produtos minerais e instrumentos de ótica.

Importação por países:



O principal parceiro econômico da Bahia, no que tange as importações, são os Estados Unidos. A Bahia importa diversos produtos na nação norte-americana, todavia é possível notar uma preponderância de produtos do setor de olé e gás (naftas, óleos brutos de petróleo e gás natural liquefeito) e produtos químicos/petroquímicos.

A China é o segundo país do qual a Bahia mais importa seus produtos. A China é um grande fornecedor, principalmente nos setores de energia renovável (células fotovoltaicas), automotivo (veículos elétricos e híbridos), químico/fertilizantes e máquinas/equipamentos industriais.

O terceiro maior parceiro das importações da Bahia é a Costa do Marfim. Sendo o país uma fonte crucial para o setor de cacau, óleos brutos de petróleo e borracha natural na Bahia.

Da Espanha, o quarto maior parceiro, a Bahia importa produtos do setor de energia e petroquímica (naftas e querosenes), produtos químicos (ácido sulfúrico) e insumos industriais (grafita, peças e partes de máquinas).

A Rússia é o principal fornecedor de fertilizantes para a Bahia (cloretos de potássio e fosfatos). Além disso, fornece produtos energéticos, como gasóleo (óleo diesel) e naftas.

Gana é um importante fornecedor de óleos brutos de petróleo e de Cacau (tanto em grão quanto em pasta) para a Bahia.

O Gabão, o sétimo maior parceiro econômico no que tange as importações, exporta para a Bahia óleos brutos de petróleo.

As importações baianas de Angola são extremamente concentradas em produtos de óleo e gás: óleos brutos de petróleo e naftas para petroquímica.

A Indonésia é uma importante fonte de óleos vegetais (óleo de palmiste) e insumos para a indústria (pasta de cacau, borracha natural e telas para pneumáticos) para a Bahia.

Em decimo lugar ficou a Alemanha que é uma importante fonte de máquinas e equipamentos industriais de alta tecnologia (incluindo máquinas para embalagem/engarrafamento e manuseio de materiais), produtos químicos/petroquímicos (querosenes e polímeros) e componentes automotivos.

Importação por blocos econômicos:



A África é o principal bloco econômico parceiro da Bahia. Os principais produtos importados da região são o petróleo e gás natural; fertilizantes e insumos químicos e cacau.

O segundo lugar fica com a América Central e Caribe, de quem a Bahia importa produtos químicos, com destaque para o metanol, que representou mais de 90% das importações. Além disso, são também importados pela Bahia: amônia anidra, herbicidas, produtos médicos, componentes eletrônicos e borracha natural.

Em terceira colocação ficou a América do norte, de quem as importações da Bahia são dominadas pelo setor energético, especialmente petróleo e gás. O que reflete a grande dependência da refinaria do polo petroquímico de Camaçari.

Da América do Sul a Bahia importa sobretudo insumos industriais e agrícolas, o que reforça a integração regional via Mercosul e a dependência de matérias-primas estratégicas como gás, plásticos e fertilizantes.

Com relação a Ásia (excluindo o Oriente Médio) a Bahia importa principalmente bens industriais de alta tecnologia e insumos farmacêuticos, com predominância chinesa.

Em sexta posição ficou a Europa, de quem a Bahia importa medicamentos, produtos químicos e equipamentos industriais.

Em relação a Oceania as importações baianas são modestas, concentradas principalmente em carvão, produtos químicos e laticínios.

Do Oriente Médio a Bahia importa combustíveis e produtos químicos/ fertilizantes.

Referências Bibliográficas:

SEI. Superintendencia de Estudos Economicos e Sociais da Bahia. Disponível em: <<https://sei.ba.gov.br/index.php?lang=pt>>.

MDIC.Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Disponível: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>

SGB.Serviço de Geologia do Brasil . Disponível em : <https://www.sgb.gov.br/w/bahia-mapa-de-favorabilidade-para-ouro-destaca-potencial-da-serra-de-jacobina>

<https://www.brasilmineral.com.br/noticias/cbpm-e-eco-mining-vao-pesquisar-minerio-de-ferro-em-sento-se>

<https://projetocolabora.com.br/odsl/em-sento-se-mineracao-afeta-vidas-reconstruidas-40-anos-apos-chegada-de-hidreletrica/>

<https://www.bloomberglinea.com.br/agro/do-po-a-manteiga-como-a-tarifa-dos-eua-pressiona-a-cadeia-de-cacau-no-brasil/>

canalrural.com.br/nacional/bahia/nova-revisao-mantem-safra-recorde-de-graos-na-bahia-em-2025

https://www.agrolink.com.br/noticias/producao-de-algodao-cresce-20--e-impulsiona-economia-agricola-na-bahia_504207

Trabalho e Rendimento

Trabalho e Rendimento | Abhel Abreu e Rafael Carvalho

Os campos econômicos de trabalho e rendimento baianos podem ser compreendidos facilmente por uma cronologia histórica que vai desde os primórdios do surgimento da Bahia até os tempos atuais. Ao longo dos anos, muitos acadêmicos se debruçaram sobre o tema para entender e traduzir as dimensões do subdesenvolvimento baiano, buscando explicar a lentidão do estado. Pode-se traduzir essa situação como um “enigma”: a Bahia demonstra estagnação em relação aos avanços econômicos observados nas regiões Sul e Sudeste. Essa realidade decorre, em grande parte, de um modelo de industrialização que, historicamente, segregou as regiões Norte e Nordeste, as quais não tiveram políticas efetivas de desenvolvimento justo e sustentável.

Essas implicações estão profundamente enraizadas na trajetória da Bahia, que enfrenta, atualmente, um processo de desindustrialização caracterizado pelo enfraquecimento de indústrias existentes, pela atração de incentivos fiscais mais robustos para as regiões Sul e Sudeste, pela baixa competitividade e por políticas industriais concentradas, em sua maioria, na Região Metropolitana de Salvador (RMS). Contudo, destaca-se que esse fato não é inerente apenas ao estado baiano, mas uma questão nacional, em que poucos se salvam da malha do atraso e da desindustrialização.

A expansão dos trabalhos no setor de serviços, em contraste com a menor geração de empregos no setor industrial, revela uma característica já citada que assombra o Brasil desde o fim do período do Milagre Econômico: a baixa produtividade industrial. Essa dicotomia entre os setores de serviços e indústria explicita a dependência criada de produtos mais complexos e tecnologia importada. A necessidade de uma abordagem desenvolvimentista que preze pelas características autóctones e culturais do estado é essencial para mudar o caminho que está sendo trilhado, fortalecendo o papel baiano nas cadeias produtivas. Entretanto, observa-se que, atualmente, essa concepção ainda engatinha, tendo em vista que os investimentos e esforços estão sendo direcionados para setores que não atingem grande parte da população.

Apesar de um crescimento expressivo em alguns setores econômicos nos últimos anos, é necessário analisar a qualidade desse avanço. Predominantemente impulsionado pelo comércio e pelos serviços, o crescimento do emprego na Bahia apresentou índices importantes. Contudo, embora esses setores sejam relevantes para a movimentação econômica, os baixos salários oferecidos e a pequena contribuição ao valor agregado da economia mantêm o estado em um cenário de limitada inovação e rendimentos abaixo da média nacional.

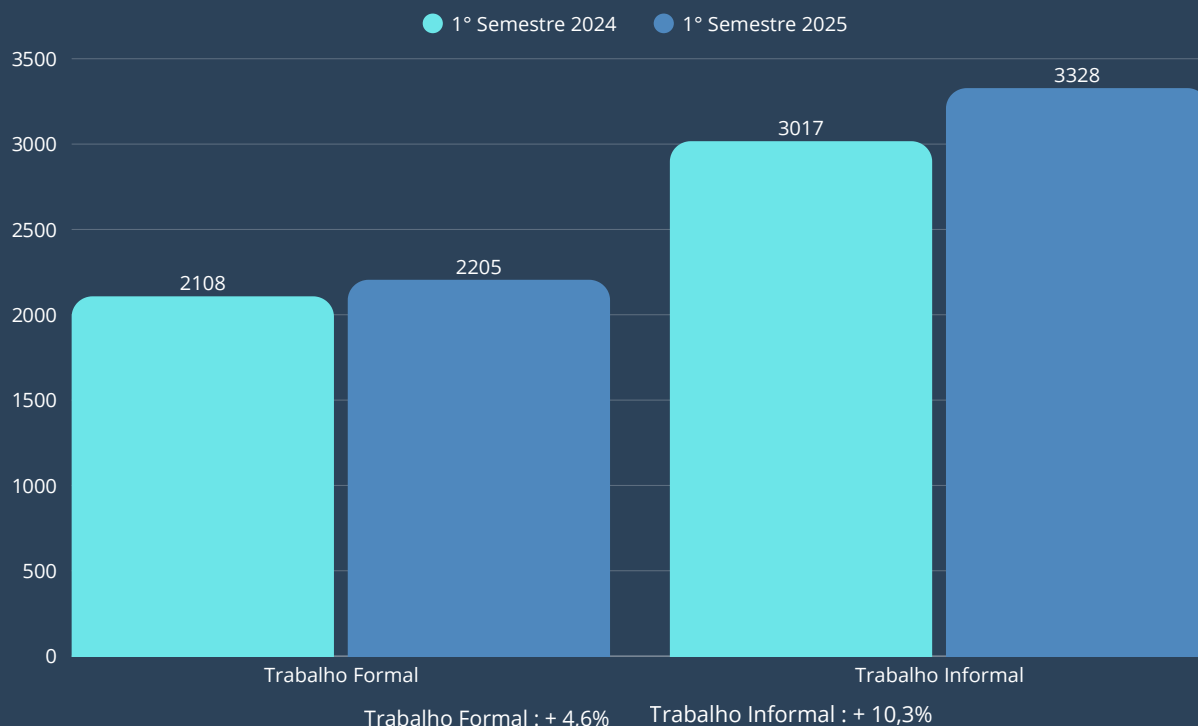
Além dos setores de comércio e serviços, a agropecuária, vinculada principalmente ao agronegócio, têm se destacado como um setor em crescimento no mercado de trabalho baiano. A agricultura desponta como um soft power para o estado, especialmente por sua capacidade de inserção no mercado global. Ao longo do período analisado, percebe-se um aumento expressivo na geração de empregos e na diversificação regional, com destaque para o extremo-oeste baiano.

Dessa forma, a necessidade de repensar as inovações nesses setores é indispensável. Verificam-se oportunidades nos setores citados; porém, o desenvolvimento pensado academicamente e profissionalmente deve abarcar as características com maior potencial de fortalecimento da identidade do estado.

Mesmo com as dificuldades mencionadas, não se pode desconsiderar o que o estado já vem fazendo. O desenvolvimento do complexo industrial de Camaçari, na Baía de Todos os Santos, e no sul da Bahia revela as potencialidades a serem exploradas nas diversas regiões do estado. O Vale do São Francisco e o extremo-oeste destacam-se no segmento da agricultura; entretanto, é direito da sociedade civil colher os frutos desse trabalho de forma positiva, com um desenvolvimento sustentável, preservação das comunidades locais e dos patrimônios imateriais, bem-estar e, certamente, geração de empregos formais.

Sendo assim, o relatório do Núcleo de Estudos Conjunturais (NEC) da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia, na pasta de Economia Baiana, traz um panorama sobre a desocupação, empregabilidade e renda da unidade da federação. Traça observações geradas a partir da interpretação de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C) dos dois primeiros trimestres de 2025, em comparação com o quadro semestral apresentado em 2024. Por fim, a análise apresenta uma abordagem mais crítica, verificando os dados gerados a partir dos recortes de sexo, cor e escolaridade, instigando o pensamento crítico e reforçando o compromisso com uma política econômica de igualdade, antirracista e que valoriza o papel indispensável da educação.

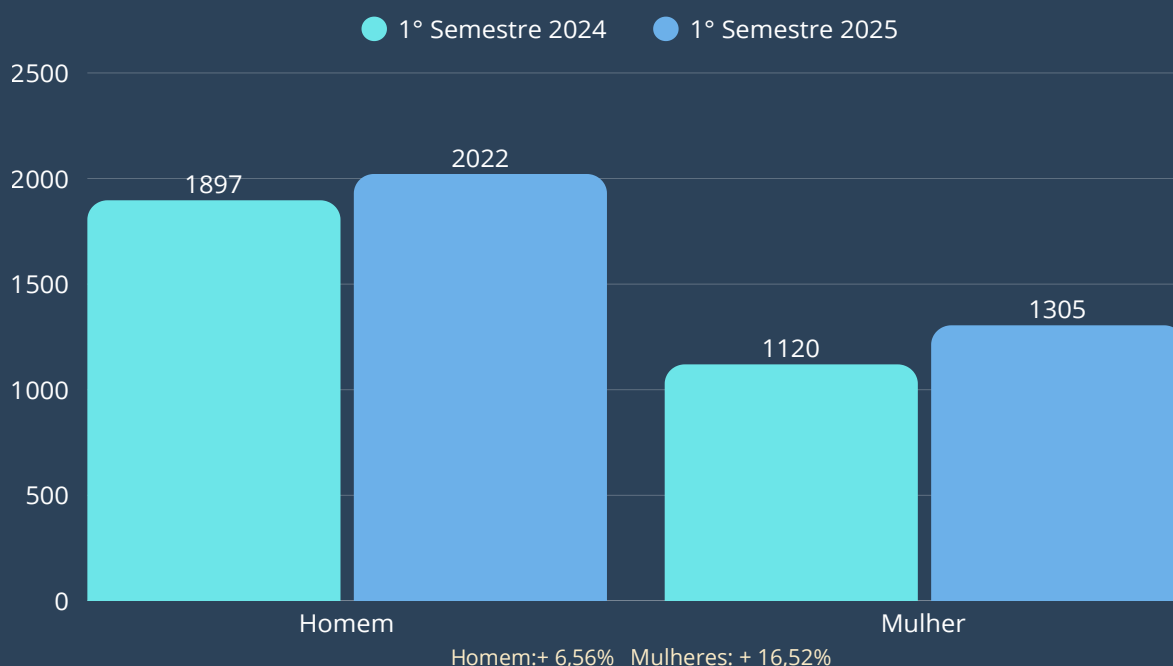
Força de Trabalho (Mil pessoas) (jan.2024 - jun. 2025)



O comparativo dos acumulados dos primeiros semestres de 2024 e 2025 revela um aumento na participação do setor formal de trabalho na Bahia (+4,6% a.s), acompanhando, assim, uma tendência observada em âmbito nacional. Em consonância, o setor informal também apresentou crescimento de 10,3% a.s, superior ao verificado no segmento formal.

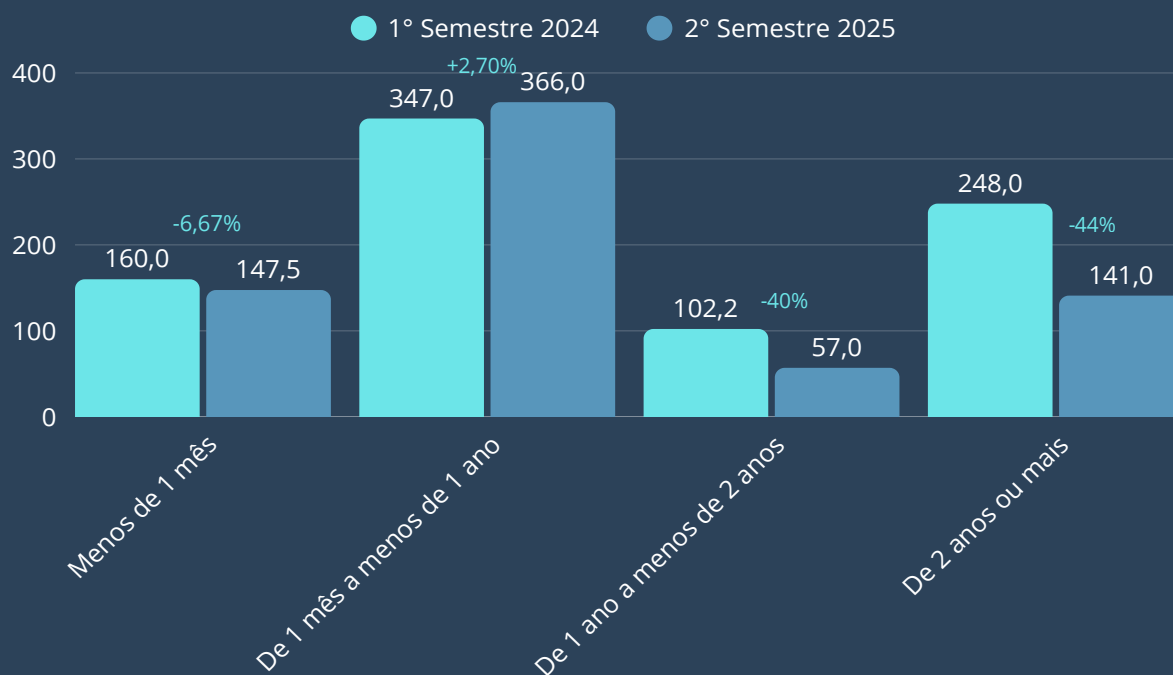
A ampliação da participação da população ocupada constitui um indicador relevante para a análise do mercado de trabalho baiano. Entretanto, é fundamental atentar-se à qualidade dos postos de trabalho gerados, principalmente por meio do setor de comércio e serviços, uma vez que essa dimensão é determinante para a compreensão mais aprofundada da dinâmica econômica e social do estado, especialmente no que se refere à sustentabilidade do emprego e à redução das desigualdades regionais.

Informalidade por gênero (Mil pessoas) (jan. 2024 - jun. 2025)



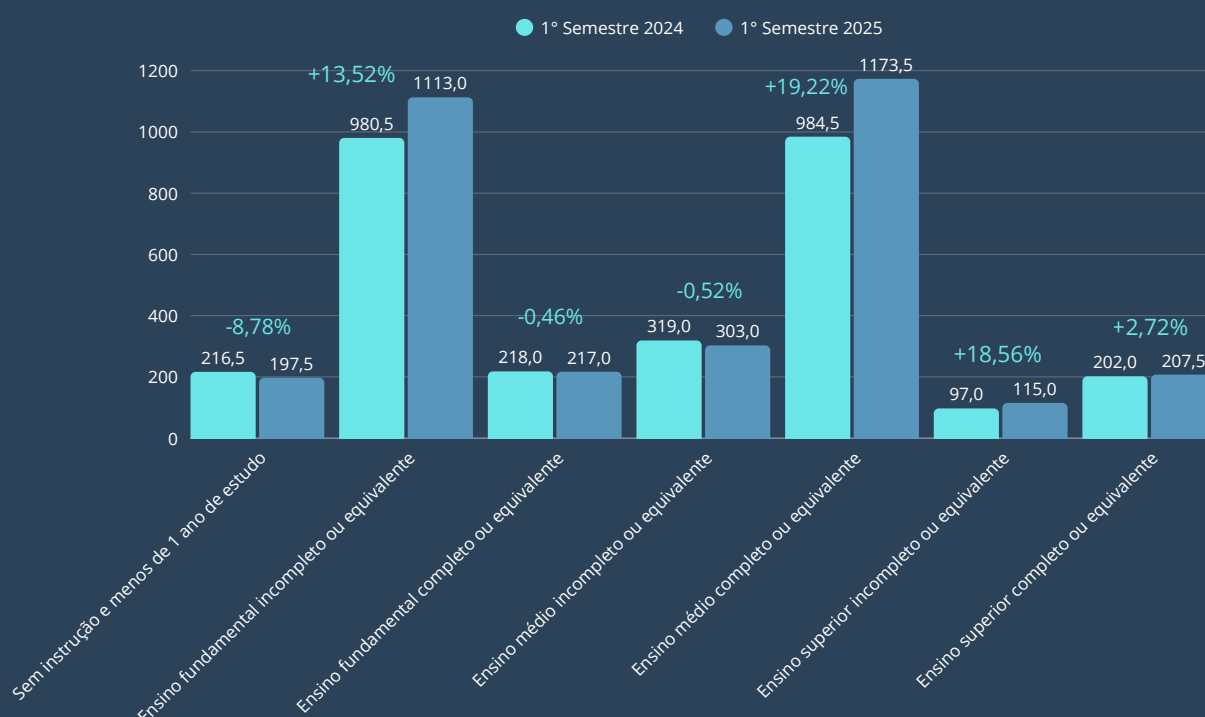
Diante dos dados referentes à informalidade, o recorte por gênero revela uma maior participação masculina nesse setor. Entre os primeiros semestres de 2024 e 2025, observa-se que homens e mulheres apresentaram aumento na taxa de ocupação informal, +6,56% e +16,52%, respectivamente, acompanhando, portanto, a tendência de crescimento geral desse segmento do mercado de trabalho.

Desocupação na Bahia (Mil Pessoas) (jan.2024 - jun.2025)



A taxa de desocupação na Bahia também acompanha a tendência nacional de redução. O estado apresentou uma diminuição significativa no número de pessoas desocupadas, ainda que um dos indicadores específicos tenha registrado um leve aumento pontual. A maior participação da população baiana na força de trabalho contribui para o aquecimento da economia estadual; entretanto, os elevados índices de informalidade evidenciam a necessidade de políticas voltadas à geração de empregos formais e com seguridade social, tanto no curto prazo — garantindo estabilidade e renda — quanto no longo prazo, por meio do acesso a direitos previdenciários e benefícios vinculados à aposentadoria.

Informalidade por nível de instrução (Mil pessoas) (jan. 2024 - jun. 2025)



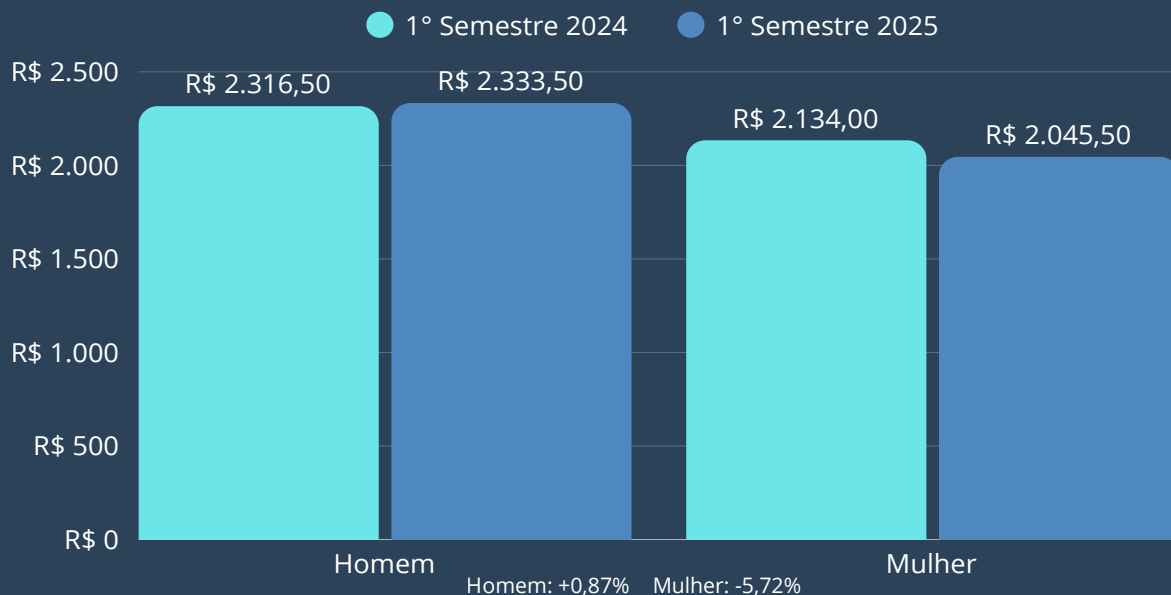
O gráfico “Informalidade por nível de instrução (mil pessoas)” — referente ao período de janeiro de 2024 a junho de 2025 — evidencia um aumento da informalidade em todos os níveis educacionais na Bahia, o que reforça a ampliação da inserção precária no mercado de trabalho estadual.

O destaque recai sobre as pessoas com ensino médio completo ou incompleto, que representam o maior contingente de trabalhadores informais, ultrapassando 1,1 milhão de pessoas em 2025, um crescimento expressivo em relação a 2024. Esse dado reflete a dificuldade de absorção formal de uma parcela da população que, embora possua alguma qualificação, enfrenta barreiras estruturais no acesso a empregos com carteira assinada.

Entre os grupos com ensino fundamental incompleto ou completo, também se observa aumento da informalidade, indicando que o avanço educacional por si só não tem garantido a inserção em ocupações formais. Já entre os indivíduos com ensino superior completo ou incompleto, nota-se um crescimento mais moderado, mas ainda assim significativo, o que sugere fragilidade nas oportunidades qualificadas de trabalho.

De forma geral, os dados apontam para uma tendência de expansão da informalidade mesmo entre faixas de maior escolaridade, o que reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à geração de empregos formais e à valorização profissional, articuladas com estratégias de educação técnica e superior alinhadas às demandas do mercado de trabalho.

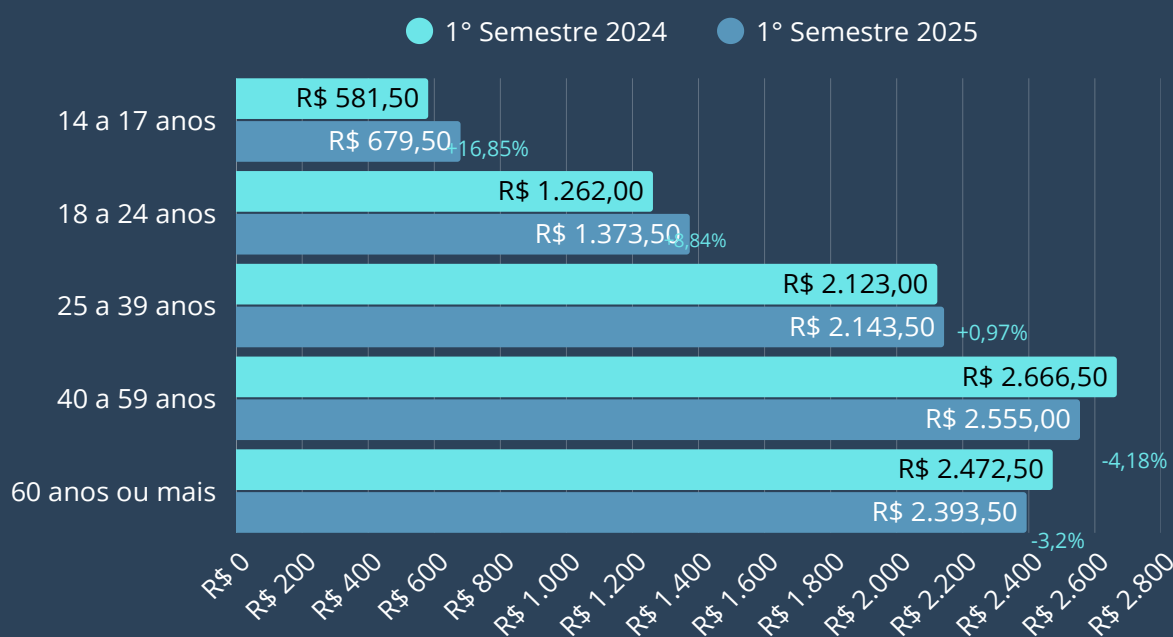
Rendimento Médio por Sexo (jan.2024 - jun.2025)



O rendimento médio por sexo evidencia uma das persistentes mazelas da sociedade contemporânea: a disparidade salarial entre homens e mulheres. Os dados referentes ao primeiro semestre de 2024 e 2025 na Bahia refletem claramente esse cenário de desigualdade. Enquanto os homens mantiveram uma renda média superior a R\$ 2.300,00, com um leve aumento em relação ao período anterior (+0,87), as mulheres apresentaram redução em seus rendimentos médios, passando de valores superiores a R\$ 2.100,00 em 2024 para aproximadamente R\$ 2.050,00 em 2025 (-5,66%).

Essa diferença salarial reforça que a desigualdade de gênero no mercado de trabalho baiano permanece estrutural. Historicamente, as mulheres foram levadas a abdicar de suas trajetórias profissionais e educacionais para se dedicarem aos afazeres domésticos e ao cuidado familiar. Embora nas últimas décadas tenham ocorrido avanços significativos na inserção feminina no mercado de trabalho, os dados demonstram que a equiparação salarial ainda está longe de ser alcançada, exigindo políticas públicas voltadas à equidade de gênero e à valorização do trabalho feminino.

Rendimento Médio por Idade (jan.2024 - jun.2025)

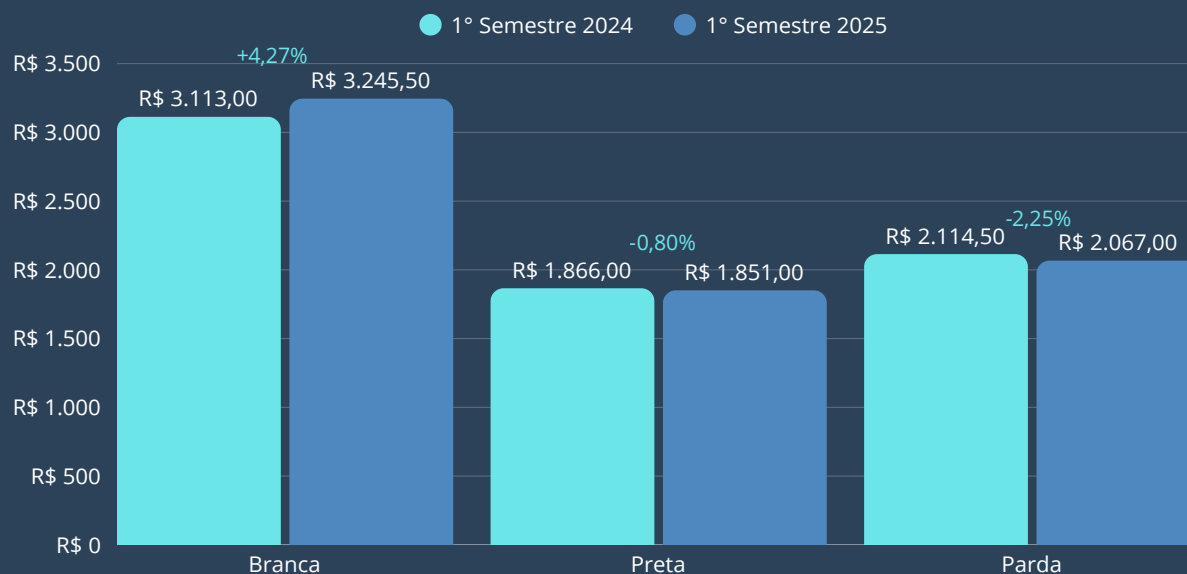


O gráfico “Rendimento médio por idade” apresenta a distribuição da renda média na Bahia nos primeiros semestres de 2024 e 2025. Observa-se que o rendimento aumenta conforme a faixa etária, atingindo seu pico entre 40 e 59 anos, faixa em que os indivíduos tendem a possuir maior experiência e estabilidade no mercado de trabalho.

No entanto, nota-se que em todas as faixas etárias o rendimento médio do primeiro semestre de 2025 foi ligeiramente inferior ao de 2024, indicando uma redução geral da renda. Essa queda pode estar associada à pressão inflacionária, à expansão da informalidade e à dificuldade de valorização salarial em determinados setores.

A diferença mais acentuada entre os grupos etários reforça a importância de políticas que estimulem a inserção produtiva dos jovens, ao mesmo tempo em que promovam melhores condições de permanência e valorização para trabalhadores mais velhos, garantindo maior equilíbrio e dinamismo no mercado de trabalho baiano.

Rendimento Médio por Cor (jan.2024 - jun.2025)

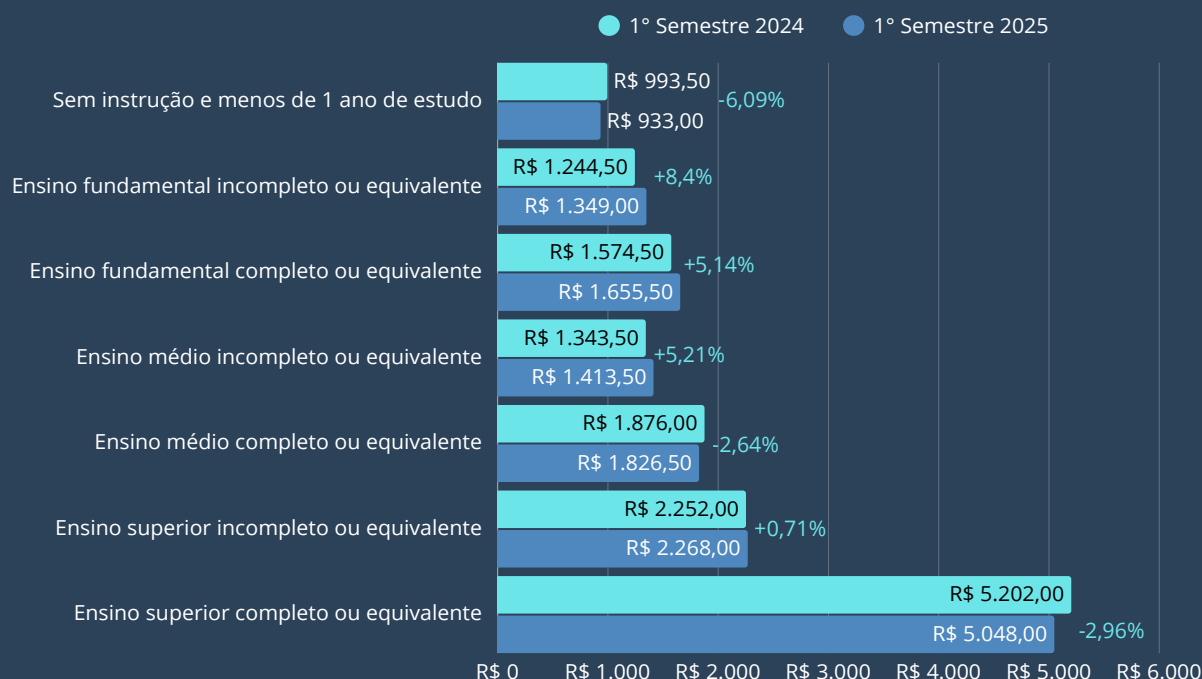


O rendimento médio por cor evidencia outro problema estrutural da sociedade brasileira: a persistente desigualdade racial. Na Bahia — estado com a maior população negra do país — essa disparidade se manifesta de forma expressiva. Nos dois semestres analisados, as pessoas brancas apresentaram rendimento médio superior a R\$ 3.100,00, enquanto as pessoas pretas não atingiram a média de R\$ 2.000,00, registrando, inclusive, redução da renda no primeiro semestre de 2025. A mesma tendência é observada entre as pessoas pardas, que também tiveram queda nos rendimentos, em contraste com o aumento observado entre as pessoas brancas.

Esse cenário evidencia a necessidade urgente de políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial e de oportunidades, especialmente no acesso a empregos formais e bem remunerados. O fomento à presença de pessoas pretas e pardas no ensino superior constitui um passo essencial nesse processo, pois a elevação do nível de escolaridade e da qualificação profissional tende a ampliar as possibilidades de inserção em ocupações de maior rendimento, contribuindo para a redução das desigualdades históricas e estruturais no mercado de trabalho baiano.

Por fim, esses dados se complementam aos dados de renda média por sexo. A análise interseccional demonstra que mulheres negras são as que mais sofrem com a disparidade de salário e oportunidades na Bahia.

Rendimento Médio por grau de Instrução (jan.2024 - jun.2025)



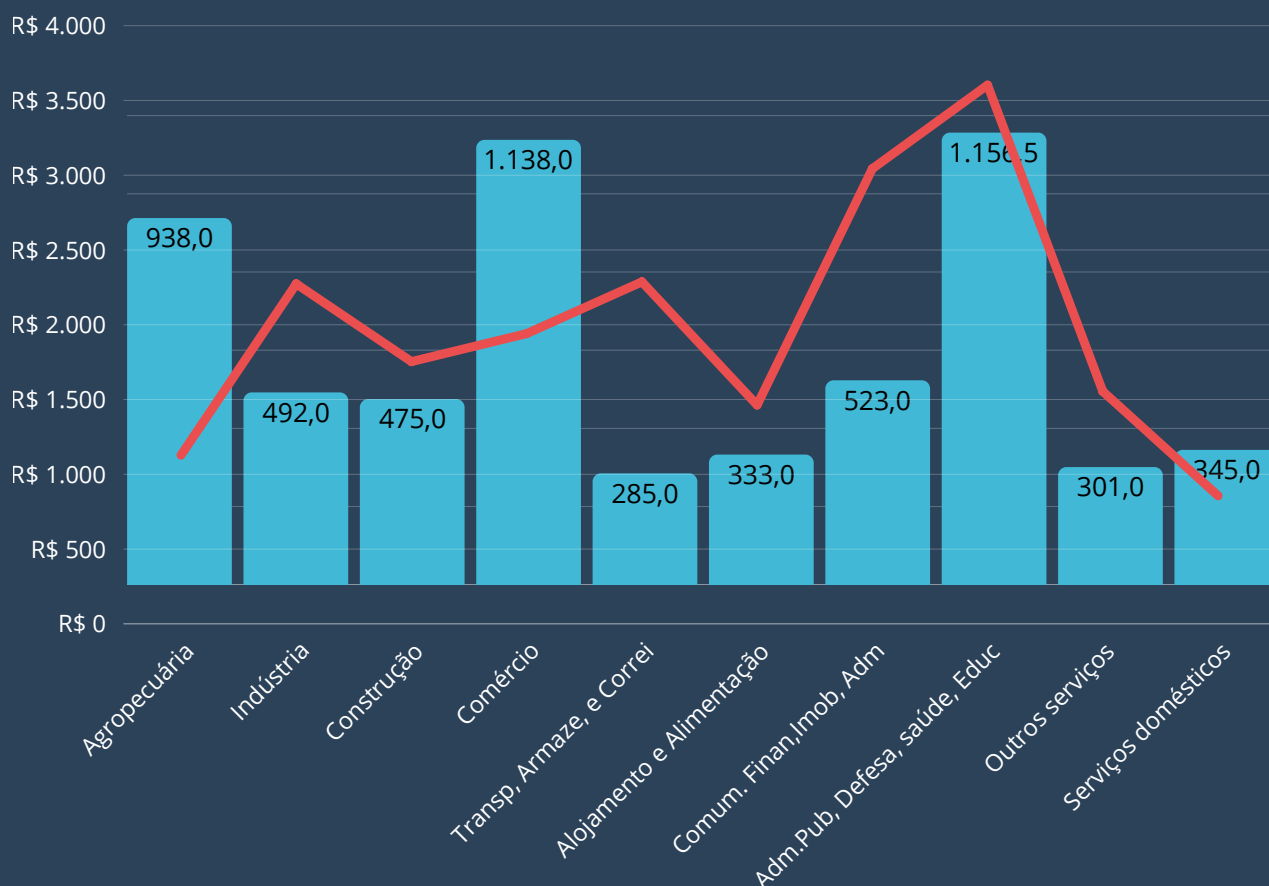
O gráfico “Rendimento médio por grau de instrução (jan. 2024 – jun. 2025)” evidencia a relação direta entre o nível de escolaridade e o rendimento médio dos trabalhadores na Bahia. De forma geral, quanto maior o grau de instrução, maior é o rendimento obtido, confirmando a importância da educação formal como fator de valorização no mercado de trabalho.

Observa-se que, em ambos os períodos, os trabalhadores com ensino superior completo apresentam a maior renda média, ultrapassando R\$ 5.000,00 no primeiro semestre de 2025, com leve aumento em relação a 2024. Por outro lado, os indivíduos sem instrução ou com menos de um ano de estudo permanecem na base da distribuição, com rendimentos significativamente inferiores, próximos de R\$ 1.000,00.

As faixas intermediárias, correspondentes ao ensino fundamental e médio completos ou incompletos, mostram pequenas variações positivas, embora ainda estejam concentradas em patamares de baixa remuneração. Essa diferença expressiva entre os extremos educacionais reforça a desigualdade de renda associada ao nível de escolaridade.

Em síntese, o gráfico indica que o retorno econômico da educação permanece elevado, mas que o aumento geral do rendimento médio foi modesto, sugerindo limitações estruturais na absorção de mão de obra qualificada e a necessidade de políticas de incentivo à produtividade, inovação e valorização profissional no mercado de trabalho baiano.

Estoque/Rendimento Médio por setor 1º Semestre 2024

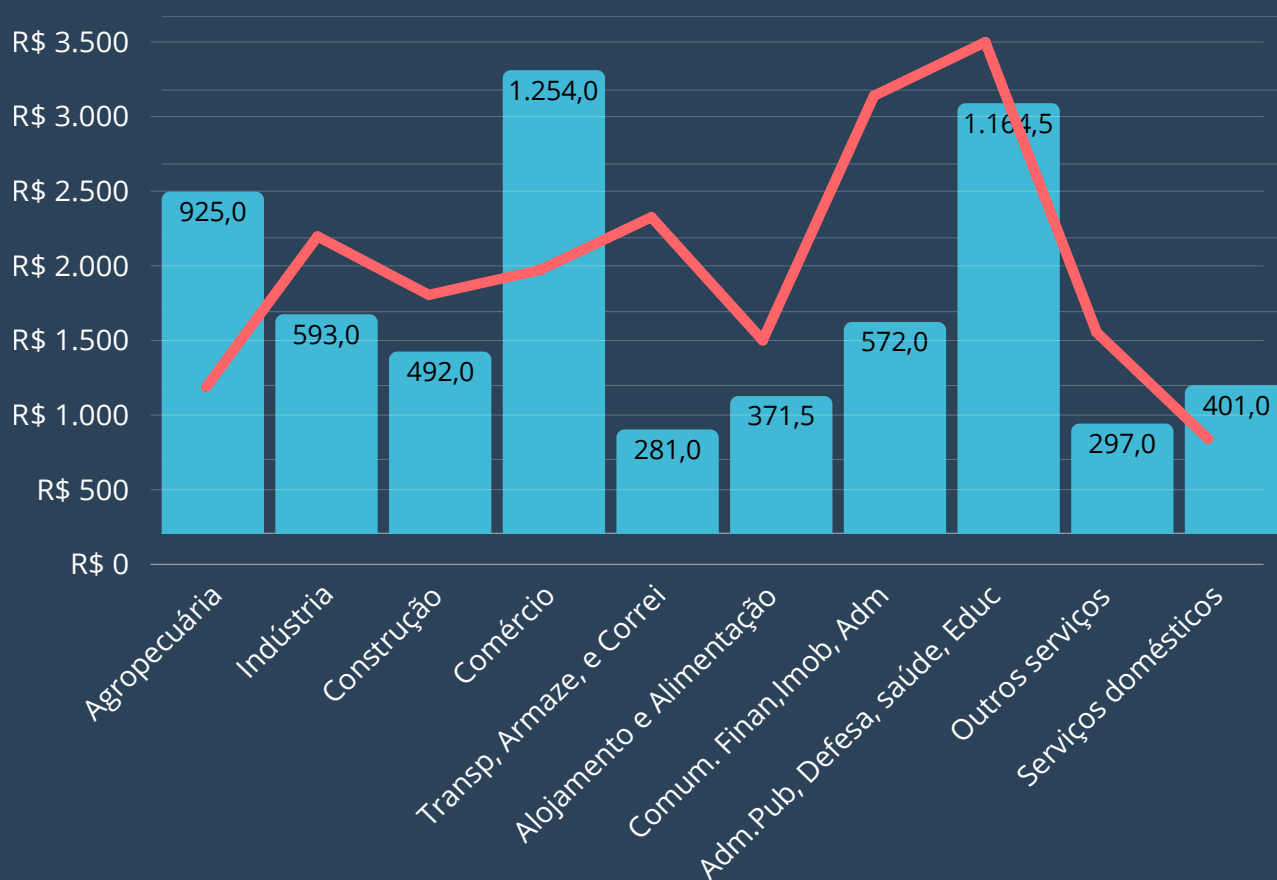


O gráfico “Rendimento Médio – 1º semestre de 2024” apresenta a relação entre o estoque de trabalhadores (em milhares) e o rendimento médio por setor de atividade na Bahia. Observa-se uma heterogeneidade significativa entre os setores, tanto em termos de quantidade de ocupados quanto de nível salarial. Os setores de comércio e outros serviços concentram os maiores estoques de trabalhadores, indicando sua importância na absorção da mão de obra baiana. No entanto, esses segmentos não figuram entre os de maior rendimento médio, o que revela a predominância de empregos de baixa remuneração.

Por outro lado, setores como administração pública, defesa e seguridade social apresentam os maiores rendimentos médios, ultrapassando os R\$ 3.000,00, embora com menor participação no total de ocupados. Já atividades como serviços domésticos e alojamento/alimentação possuem baixa renda média e elevado nível de informalidade, refletindo a precarização estrutural dessas ocupações.

De modo geral, o gráfico evidencia que os setores mais intensivos em mão de obra são também os de menor rendimento, apontando para a necessidade de políticas voltadas à qualificação profissional e à valorização salarial nos segmentos que sustentam grande parte da ocupação no estado.

Estoque/Rendimento Médio por setor 1º Semestre 2025



O comparativo entre os gráficos de Rendimento Médio por Setor dos primeiros semestres de 2024 e 2025 revela mudanças sutis, porém significativas, na estrutura do mercado de trabalho baiano.

De modo geral, observa-se que a distribuição do estoque de trabalhadores por setor manteve-se relativamente estável, com o comércio continuando a ser o principal empregador, seguido de outros serviços, indústria e agropecuária. No entanto, em 2025 há ligeiras reduções no rendimento médio em diversos setores, indicando pressão sobre os salários e possível aumento da informalidade ou do subemprego.

O setor de administração pública, defesa e seguridade social manteve-se como o de maior rendimento médio, ultrapassando os R\$ 3.000,00, mas sem crescimento expressivo em relação a 2024. Em contrapartida, setores como comércio, construção e serviços domésticos apresentaram quedas mais evidentes no rendimento, reforçando a vulnerabilidade de segmentos com forte presença de trabalhadores informais.

Além disso, a diferença entre os setores de maior e menor renda permaneceu elevada, o que indica a persistência da desigualdade estrutural na composição do mercado de trabalho baiano. Assim, os dados sugerem a necessidade de políticas que estimulem a formalização e a qualificação profissional, especialmente nos setores que concentram o maior contingente de mão de obra, mas com baixa remuneração média.

Variação/Estoque

Setor	Estoque 2024 (Mil)	Estoque 2025 (Mil)	Variação (%)
Agropecuária	938	925	-1,39%
Indústria	492	593	20,53%
Construção	475	492	3,58%
Comércio	1.138,00	1.254,00	10,20%
Transporte, Armazenagem e Correio	285	281	-1,40%
Alojamento e Alimentação	333	371,5	11,56%
Infor, Comun. Finan,Imob, Adm	523	572	9,37%
Adm.Pub, Defesa, saúde, Educ, Serv.Soci	1.156,50	1.164,50	9,37%
Outros serviços	301	297	9,37%
Serviços domésticos	345	401	9,37%

Variação/Remuneração

Setor	1º/2024	1º/2025	Variação %
Agropecuária	R\$1.128,00	R\$1.187,50	5,27%
Indústria	R\$2.273,50	R\$2.197,00	-3,36%
Construção	R\$1.753,50	R\$1.805,50	2,97%
Comércio	R\$1.941,00	R\$1.972,00	1,60%
Transporte, Armazenagem e Correio	R\$2.287,00	R\$2.326,00	1,70%
Alojamento e Alimentação	R\$1.463,00	R\$1.501,50	2,63%
Infor, Comum. Finan,Imob, Adm	R\$3.043,50	R\$3.139,50	3,15%
Adm.Pub, Defesa, saúde, Educ, Serv.Soci	R\$3.603,00	R\$3.499,00	-2,89%
Outros serviços	R\$1.554,50	R\$1.554,00	-0,03%
Serviços domésticos	R\$856,50	R\$842,00	-1,69%

Conclusão

Com base na análise histórica e nos dados recentes da PNAD-C, é possível concluir que a Bahia apresenta um cenário econômico marcado por desigualdades estruturais e desafios persistentes. A desindustrialização e a concentração de investimentos na Região Metropolitana de Salvador evidenciam a limitação do desenvolvimento industrial e a dependência de setores de menor valor agregado, como comércio e serviços, embora estes tenham impulsionado a geração de empregos. Ao mesmo tempo, setores como agropecuária e agronegócio mostram potencial de inserção global e diversificação regional, apontando caminhos para um crescimento mais sustentável e inclusivo. No entanto, para que esses avanços beneficiem efetivamente a sociedade, é essencial adotar políticas que considerem as especificidades culturais e sociais do estado, promovendo igualdade racial, valorização da educação e fortalecimento da identidade local, garantindo que o desenvolvimento econômico não apenas cresça em números, mas também em qualidade de vida e oportunidades para toda a população.

Referências Bibliográficas:

SEI. Superintendencia de Estudos Economicos e Sociais da Bahia. Disponível em: <<https://sei.ba.gov.br/index.php?lang=pt>>.

Carvalho, L. B. de. (2018). Valsa brasileira: do boom ao caos econômico. São Paulo: Todavia.

SANTOS, Milton. Fatores que retardam o desenvolvimento da Bahia: A FALTA DE INDÚSTRIAS. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959.

<https://sidra.ibge.gov.br/acervo#/S/Q>

CORREIA, Valnaire ES et al. Desindustrialização e reindustrialização: o papel do Estado na adoção de políticas industriais. 2024.

<https://perfildaindustria.portaldaindustria.com.br/estado/ba>

7

Considerações Finais